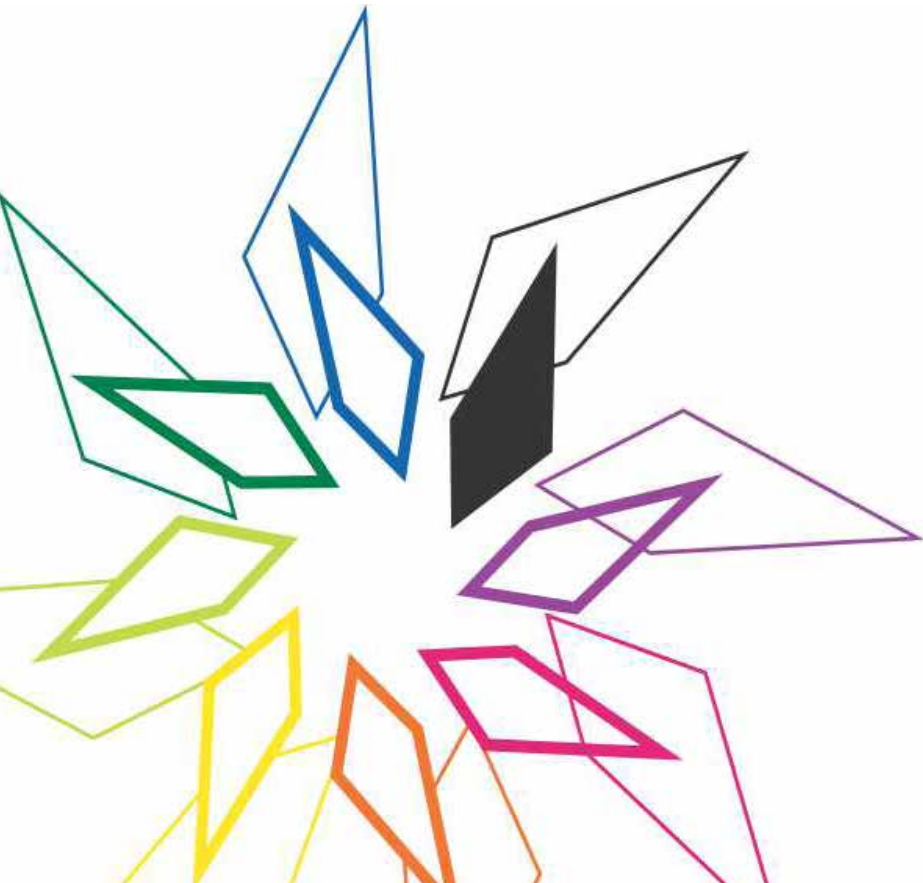


Pesquisa Aplicada



Publicação quadrimestral dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, ofertados na modalidade Profissional, do Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação e da Universidade do Estado da Bahia. Os artigos assinados refletem o ponto de vista dos autores, não coincidindo, necessariamente, com o dos Editores e do Conselho Editorial da revista.



pUPAIS
revista multidisciplinar

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

JOSÉ BITES DE CARVALHO
Reitor

TÂNIA MARIA HETKOWSKI
Pró-Reitora de de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação

CARLA LIANE NASCIMENTO SANTOS
Vice-reitora

MARCEA ANDRADE SALES
Editora Científica

Editora Científica
Marcea Andrade Sales

Equipe Editorial
Alice Fontes Ferreira
Darlaine Pereira Bomfim das Mercês
Gilvania Clemente Viana

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Araujo Cunha Instituto Federal Sul-rio-grandense	Márcea Andrade Sales Universidade do Estado da Bahia
André Ricardo Magalhães Universidade do Estado da Bahia	Marcos Tanure Sanabio Universidade Federal de Juiz de Fora
Bento Selau da Silva Júnior Universidade Federal do Pampa	Maria da Salete Barboza de Farias Universidade Federal da Paraíba
Celi Corrêa Neres Universidade Federal Mato Grosso do Sul	Maria de Fátima Gomes da Silva Universidade Estadual de Pernambuco
Elisa Maria Dalla-Bona Universidade Federal do Paraná	Roseli Gomes Brito de Sá Universidade Federal da Bahia
Fábio Josué Souza dos Santos Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	Marli Eliza Dalmazo Afonso de André Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Fábio Minoru Yamaji Universidade Federal de São Carlos	Raimunda Alves Moreira de Assis Universidade Estadual de Santa Cruz
Flávia Obino Correa Werle Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Sheila Alves Universidade Cidade de São Paulo
Jason Ferreira Mafra Universidade Nove de Julho	Tânia Regina Dantas Universidade do Estado da Bahia
Ana Lúcia Gomes Universidade do Estado da Bahia	Virgínia Pereira da Silva de Ávila Universidade Estadual de Pernambuco
José Lucas Pedreira Bueno Universidade Federal de Rondônia	Vândiner Rbeiro Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

CONSELHO EDITORIAL - INTERNACIONAL

Fernando Juan Garcia Masip
Universidade Autónoma Metropolitana - Xochimilco/México

Francisco Armas Quintá
Universidade de Santiago de Compostela/Espanha

Victor Amar Rodríguez
Universidade de Cadis/Espanha

Xosé Carlos Macia Arce
Universidade de Santiago de Compostela/Espanha

ISSN 2177-5060

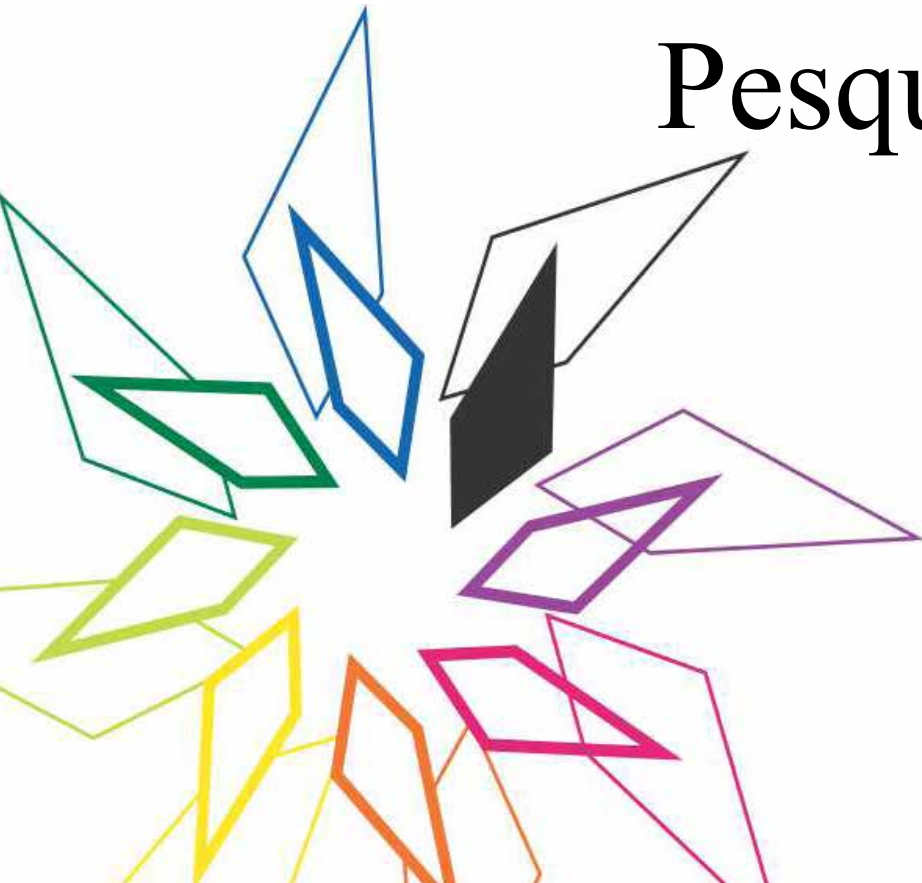
ISSN 2447-9373



plurais
revista multidisciplinar

Salvador, v. 2 n. 3 p. 1-88 ago./dez. 2017

Pesquisa Aplicada





© PLURAI S Revista Multidisciplinar

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação

Prédio de Pós-Graduação - 3º andar

Rua Silveira Martins, 2555 - Cabula

41150-000 - Salvador - Bahia - Brasil

Fone/fax: + 55 71 3117-5307

www.uneb.br / revistaplurais@gmail.com

Capa

Angela Garcia Rosa

Projeto gráfico

Revista Plurais

Editoração

Alice Fontes Ferreira

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Plurais: Revista Multidisciplinar / Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, 2017. Vol. 2, n. 3, Ago./Dez., 2017.

Quadrimestral

ISSN 2177-5060 (versão impressa)

ISSN 2447-9373 (versão on-line)

Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/>

1. Educação (Pós-graduação) - Periódico. I. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação.

CDD 370

Revista vinculada a:



Editorial

Iniciamos ressaltando a compreensão de que a pesquisa universitária está assentada na tradição imposta pela cultura acadêmica. Associamos à pesquisa o processo através do qual a ciência busca dar resposta a um problema formulado, por meio da investigação sistemática sobre um tema, com o objetivo de colher dados ou reorganizar as informações já existentes concernentes ao referido problema no intuito de apontar soluções. Assim, na mesma direção, no processo de investigação, a metodologia consiste na descrição do método escolhido, sequência de procedimentos adotados e instrumentos através dos quais os dados serão coletados e permitirão a análise. (APPOLINÁRIO, 2004).

A pesquisa em Educação, restringindo à educação formal, tem origem diversa: se rede pública ou privada; se sistema federal, estadual ou municipal; se educação básica ou superior; se educação infantil, ensino fundamental ou ensino médio; se desempenho dos alunos ou estudantes; se atuação do professor; se metodologias em sala; se processos de gestão ou coordenação, dentre outras situações que suscitam estudos com o objetivo de conceber solução para uma situação problema ou mesmo, fruto de inquietudes do pesquisador.

Ser pesquisador em Educação, qual a motivação para pesquisar? O que pesquisar em educação? Como pesquisar aspectos pedagógicos ou de didática? De que forma abordar a pesquisa sobre gestão da educação? Estes questionamentos surgem da reflexão do que relata Gatti (2012), quando afirma que atualmente os estudos no “campo da educação” estão sujeitos às expectativas da sociedade referentes à qualidade na educação, de potência cada vez maior, abrangendo aspectos científicos, ou de ordem profissional, política, administrativa, econômica, aspectos complementares ou, por vezes contraditórios, a exemplo de instituição de uma política pública na educação básica ou do financiamento da educação.

A abrangência de temas a serem pesquisados em educação tem reforço na fala de Fialho (2006, p. 03) para quem,

A primeira impressão que qualquer um de nós tem sobre o panorama de assuntos é a de que, em educação, não há limites: pesquisa-se tudo; investiga-se sobre técnicas de ensino, aprendizagem, condições físicas dos equipamentos educacionais, políticas de educação, currículos, educação formal, escolar e, também, educação informal; sobre a escola burguesa, a escola pública, a escola particular e, também, sobre os movimentos populares de educação, as

verbas estatais, os financiamentos às atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, sobre as questões políticas, econômicas, culturais, sociais; sobre as relações professores-alunos, sobre o rendimento escolar, sobre o desempenho profissional, sobre a evasão, sobre a repetência ...

Neste contexto, encontramos a Pós-graduação de modalidade profissional a qual possui como premissa oportunizar formação de natureza científica para profissionais com atuação nas diversas áreas do saber, os quais desejam ampliar conhecimento e discutir problemáticas através da pesquisa, sem ingresso na carreira acadêmica - característica mais afeta à Pós-graduação de modalidade acadêmica. (FIALHO; HETKOWSKI, 2017).

A pesquisa desenvolvida na Pós-graduação em Educação, na modalidade profissional, apresenta a característica de pesquisa aplicada, permitindo ao sujeito pesquisador delinear a sua investigação na perspectiva de resolver problemas identificados ou vivenciados na sociedade, em especial relacionado à sua atuação laboral. A pesquisa aplicada é instigada pela ideia de apropriar novos conhecimentos com o objetivo de aplicar os resultados apresentados e assim apresentar a solução para o problema formulado no projeto de pesquisa, a partir de necessidades concretas. (APPOLINÁRIO, 2004).

Retornando à cultura acadêmica, ao rigor dos atos e escritos da academia, a composição do percurso metodológico na pesquisa em educação, na modalidade profissional, entendida como pesquisa aplicada, obedece ao rigor acadêmico, cujo início consiste na definição do tema, seguido pela delimitação da situação vivenciada pelo pesquisador, aqui traduzida por problemática. A escolha de um estudo começa na decisão em relação a: o que pesquisar? O que fazer? Quais informações serão procuradas? Onde?

A metodologia somente é estruturada a partir da definição do tema, questão problema e objetivos. O tema é o primeiro passo e o mais importante, posto que relata a proposição que será abordada pelo pesquisador. A escolha começa por alguma inquietação, vontade de investigar, afetividade ou alto grau de interesse pessoal. O pesquisador deve ser seduzido pelo tema eleito, a fim de evitar sofrimento durante o desenvolvimento do estudo.

A questão problema exprime um questionamento sobre um determinado tema. Assim, o termo problema diz respeito à sistematização de procedimentos de estudo e investigação. (APPOLINÁRIO, 2004). A delimitação do tema e definição do problema encaminha a pesquisa para a escolha do método e procedimentos para a coleta dos dados, bem como a composição da fundamentação teórica.

O diferencial na pesquisa aplicada realizada no âmbito da modalidade profissional está no formato do resultado da investigação. Este deve induzir de fato uma solução para a situação relatada na questão problema da pesquisa, seja um relatório, um plano de ação, um roteiro para curta metragem, documentário, ou vídeo, bem como uma proposta de elaboração de aplicativo, um artigo, material didático, dentre outros. Neste sentido, a indicação do formato deve estar sinalizada no objetivo geral do projeto de pesquisa, quando expressa de forma clara os fins pretendidos com o estudo, em especial na pesquisa em educação, a qual geralmente é realizada em um ambiente de formação, a escola ou instituição universitária.

A escrita desse Editorial aborda, de forma breve, a constituição do percurso metodológico na pesquisa aplicada em educação com a finalidade de seduzir para a leitura deste número da Revista Plurais, incentivado pelas discussões do I Colóquio Internacional de Pesquisa Aplicada em Educação: diferentes olhares sobre abordagens metodológicas, promovido pelo Programa de Pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC), com o apoio do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), vinculados à Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Neste contexto, os artigos versam sobre: significado da pesquisa aplicada na formação de profissionais de Pós-graduação; carta na primeira pessoa para Esmeraldo Lopes, gestão de periódicos acadêmicos; construção do Atlas de Poço Verde: geotecnologias e as práticas inovadoras de ensino; Inclusão Escolar; Gameificação na Educação; Pólo da Universidade Aberta do Brasil.

A todos, boa leitura!

Lídia Boaventura Pimenta

Doutora em Educação - Professora Permanente e
Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Gestão e Tecnologias
Aplicadas à Educação (GESTEC) na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
E-mail: lpimenta@uneb.br

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO. Fábio. Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004, 300 p.

FIALHO, Nadia Hage; HETKOWSKI, Tânia Maria. Mestrados Profissionais em Educação: novas perspectivas novas perspectivas da pós-graduação no cenário brasileiro. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 63, p. 19-34, jan./mar. 2017(DOSSIÊ: mestrado profissional e formação de professores - experiências, desafios e perspectivas para a educação básica). Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/49135/31734>>. Acesso em: 05 abr. 2017

_____. Pesquisa em Educação. *Caderno de Pesquisa Esse In Curso* V. 4, n. 7, p. 71-90, Dez, 2006 Disponível em: < <http://www.uneb.br/gestec> >. Acesso em: 10 abr. 2017

GATTI, Bernadete Angelina. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. In: *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*. V. 28, nº 1, jan/abr.2012. Disponível em: <<http://www.uneb.br/gestec/files/2011/10/Gatti-36066-141809-1-SM.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2017

Sumário

Dossiê Temático

El sentido de la investigación aplicada en la formación de profesionales de postgraduación: alcances y desafíos para un debate en curso 12
Christian Miranda

Desafios e Possibilidades na Gestão de Periódicos Acadêmicos: experiências com a difusão do conhecimento na Plurais - Revista Multidisciplinar 21
Gilvânia Clemente Viana, Márcea Andrade Sales e Darlaine Pereira Bomfim das Mercês

Construção do Atlas de Poço Verde: Geotecnologias e as Práticas Inovadoras de Ensino 37
Murilo Aguiar de Souza e Francisco Jorge de Oliveira Brito

Estudos/Ensaios

Carta en primera persona a Esmeraldo Lopes 54
Víctor Amar

Inclusão Escolar: o Desafio de um Novo Paradigma de Escola 64
Jeane Rodella Assunção

Gameificação na Educação - o Quizz Socrative como processo maiêutico nos logradouros soteropolitanos 78
Ody M. Churkin

Summary

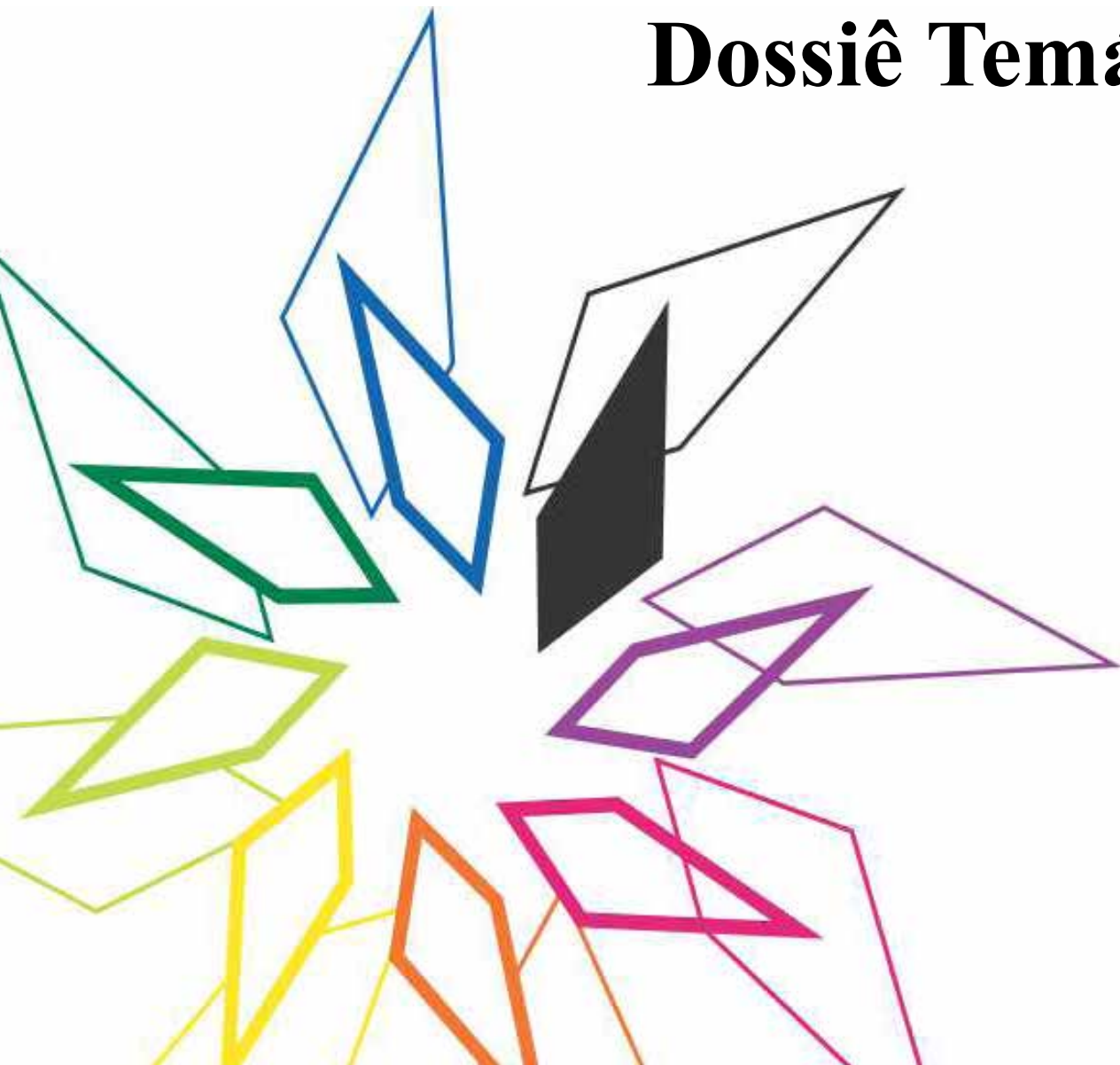
Thematic Dossier

- The meaning of the applied research in degree for postgraduate professionals: limits and challenges for a proceeding debate** 12
Christian Miranda
- Challenges and Possibilities in Management of Academic Journals: given of knowledge experiences by Plurais - Multidisciplinary Journal** 21
Gilvânia Clemente Viana, Márcea Andrade Sales e Darlaine Pereira Bomfim das Mercês
- Structure of the Atlas Poço Verde: geotechnologies and innovative teaching practices** 37
Murilo Aguiar de Souza e Francisco Jorge de Oliveira Brito

Studies/Essay

- Letter written in the first person to Esmeraldo Lopes** 54
Víctor Amar
- Include School: the challenge of a new school paradigm** 64
Jeane Rodella Assunção
- Gamer in Education: the Socratic Quiz as a maieutic process at soteropolitano's districts** 78
Ody M. Churkin

Dossiê Temático



El sentido de la investigación aplicada en la formación de profesionales de postgraduación: alcances y desafíos para un debate en curso

CHRISTIAN MIRANDA

Profesor de Educación General Básica, Licenciado en Historia y Doctor en Ciencias de la Educación. Actualmente se desempeña como Profesor Asociado del departamento de Educación de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Chile.

Email: christian.miranda@u.uchile.cl

Resumen

Uno de los rasgos más persistentes del actual estado de la opinión de nuestras comunidades académicas iberoamericanas, como se sabe, es la crítica que enfrentan las reformas a la educación superior presentados por nuestros gobernantes de turno. Como pocas veces antes, las sociedades civiles, clases políticas y comunidades académicas - sean brasileñas, chilenas, mexicanas o portuguesas -, de manera transversal, han manifestado que las reformas no están a la altura de las expectativas que todos han cifrado en ellas.



Así, la calidad de la investigación aplicada es el tema abordado en este texto, con el argumento de que éste es reconocido pero poco explorado en este tipo de investigación y en contextos de postgrado.

Palabras Claves: Investigación Aplicada. Formación de profesionales. Postgraduación

O Sentido da Pesquisa Aplicada na Formação de Profissionais de Pós-graduação: limites e desafios para um debate em curso

Resumo

Uma das características mais persistente o estado atual de opinião de nossas comunidades acadêmicas Ibero-americanas, como se sabe, é a crítica que enfrentam as reformas ao ensino superior apresentadas pelo nosso atual governo. Como poucas vezes, sociedades civis, classes políticas e comunidades acadêmicas – sejam brasileiras, chilenas, mexicanas ou portuguesas -, de modo transversal, têm se manifestado que as reformas não estão a altura das expectativas de todos que as criptografaram. Cabe, então, questionar o sentido da crítica que enfrentam as reformas educativas. Assim, qualidade da pesquisa aplicada será o assunto abordado nesse texto, com o argumento de que este é reconhecido, mas pouco explorado neste tipo de pesquisa e em contextos de pós-graduação.

Palavras-chave: Pesquisa Aplicada. Formação de Profissionais. Pós-graduação

El sentido de la investigación aplicada en la formación de profesionales de postgraduación: alcances y desafíos para un debate en curso

Lo paradójico del asunto, aquí abordado, es que la educación superior en nuestros países ha realizado en último tiempo notables avances. Contamos hoy sistemas que han ampliado su cobertura y son de los más prestigiosos entre los países en vías de desarrollo.

Nuestros países, en un sentido amplio, nunca habían tenido más y mejor educación superior y en ningún otro momento de la historia las mayorías excluidas se habían incorporado la educación terciaria en su horizonte de expectativas familiares (Peña, 2012).



Siendo así, ¿cuál es entonces, cabría preguntarse, el sentido de la crítica que enfrentan las reformas educativas? Los fenómenos sociales, según sostiene Hegel (1966), suelen expresar un sentido, un significado, que, oculto en la realidad, pugna en algún momento por emerger, ¿cuál es el significado de la crítica transversal? y ¿de qué forma este significado podría ayudarnos a responder a la creencia que son las preguntas centrales del presente Seminario Internacional de Investigación Aplicada?, esto es ¿cuál es la naturaleza del conocimiento educativo que se genera en la investigación aplicada?, ¿Cuál es su significado formativo? Y en términos más simples: ¿qué sentido tiene hablar de investigación aplicada en educación?

Esas son las problemáticas generales que orientan la exposición que sigue. Para poder abarcarlas como un todo, preciso acotarlas a un tema que estoy seguro cubre sus complejidades: La calidad de la investigación aplicada. Es en esta temática, reconocida y a la vez poco explorada en este tipo de investigación y en contextos de post-graduación es la que abordaré. Partiré con alcances locales, referidos a un breve recorrido histórico del caso chileno, centrándome en el análisis del ideal democrático que subyace a su sentido original, aplicando coordenadas de las ciencias sociales para su valoración. Luego, me detendré en una comprensión epistémica de lo que está en juego en la pregunta por la calidad de la investigación aplicada, para finalmente, explorar algunos desafíos de futuro que pueden ser ilustrativos para su desarrollo y proyección. Espero no naufragar en el intento por navegar en aguas tan turbulentas.

Durante mucho tiempo de la historia de Chile lo que hoy llamamos educación, es decir el proceso de comunicación intencionado y orientado al desarrollo integral del ser humano en su plano intelectual, procedimental, actitudinal y espiritual fue más bien una excepción que la regla. En efecto, el Censo de 1813, evidencia que 600 de los más de 50.000 habitantes iban a la escuela. Cerca de 50 años después, solo 10 de cada 100 lo hacía. Comparativamente en Europa lo hacía el 50% en la misma época y, poco después en países como Alemania alcanzó cobertura universal, algo que Chile logra con 100 años de retraso. En este marco general, es importante preguntarse ¿Qué explica este cambio cultural? ¿Cuáles fueron las razones por las cuales las familias, entendidas como unidades económicas, permitieron que las escuelas y liceos primero, y luego las universidades, fueran parte fundamental de la vida de sus integrantes, llegando incluso, en el caso chileno, a partir de 1925 que los niños y niñas sean enviados obligatoriamente a la escuela?

Las ciencias sociales, en especial la sociología, han dado varias explicaciones a este fenómeno, siendo tres de ellas, insumos para ayudarnos a responder a la pregunta central.

La primera, es la que aporta Durkheim (2009), quien sostiene que la aparición de los sistemas educativos públicos o de masas tuvo por objeto resolver los problemas de integración



que experimentaba la sociedad moderna. Esta, de acuerdo a su perspectiva se caracterizaba por el tránsito entre lo que llamaba solidaridad mecánica a una de tipo orgánica. Mientras en la primera, que sería propia de las comunidades tradicionales (Antiguo Régimen), la integración se produce porque todos los sujetos comparten una misma conciencia colectiva que limita la individualidad, la segunda, orgánica, es propia de las sociedades modernas, se funda en la división del trabajo y en la especialización. Para este autor, lo propio de las sociedades modernas es la división del trabajo y el mercado, los cuales exigen ciertos principios generales, los cuales serían la tarea de la educación. Es decir, la educación resuelve por un lado la paradoja de la modernidad – la máxima colaboración sobre la base del individualismo extremo- y por otro, asegura la transmisión de una conciencia moral de una generación a otra, posibilitando la anhelada integración.

La segunda, marxista, a la misma pregunta, da una explicación económica: el capitalismo. Este, no solo desarrollo las fuerzas de producción, sino que también las relaciones “humanas” de producción en torno al trabajo. Esto implicó nuevas formas de socialización laboral y de control de clases. Entonces, el sistema educativo sería la expresión de este fenómeno, cuyos objetos son la socialización del proletariado y la consolidar las relaciones de clase surgidas al amparo de la producción capitalista (Marx, 2008).

Finalmente, Weber (1983), se sostiene que el surgimiento de los sistemas educativos públicos es resultado de lucha de diversos grupos de interés. Donde hay conflicto educacional hay dos estrategias posibles: La de sustitución (Ej. Creación de escuelas públicas por parte de las elites en Inglaterra) y las de restricción (Ej. creación de escuelas públicas para las clases desfavorecidas mediante políticas como en Francia).

Desde el punto de vista pedagógico, las explicaciones sociológicas tiene el mérito de develar el origen de los sistemas educativos de masas (la integración social en torno a la división del trabajo; las nuevas relaciones de producción; el uso de estrategias combinadas por parte de grupos de interés). Todas ellas, como diría Hegel (1966), describen el fenómeno, pero no logran dilucidar su sentido.

Parece relevante entonces, para poder avanzar en la respuesta a la pregunta central del I Seminario Internacional de Investigación Aplicada y con ello contribuir a esta Mesa, requiere una mirada política, a decir de Freire (1994), ideológica.

Este factor político es la aparición del ideal educativo democrático. El ideal que forja la escuela moderna es el intento por corregir la distribución de bienes y oportunidades que efectúan

la naturaleza y la historia hasta lograr que el destino de los ciudadanos dependa de su desempeño y esfuerzo.

Este ideal parte del supuesto que los seres humanos naturalmente nos distinguimos por dotaciones innatas (talentos o discapacidad) y socialmente por dotaciones familiares (de riqueza o pobreza). De esta forma, a la clásica pregunta de Rousseau (1991) sobre el origen de las desigualdades entre los hombres, esta sería la herencia natural y social que cada ciudadano porta. En clave educativa, cada estudiante porta un capital humano, cultural, social y económico, el cual fija en gran medida el lugar que ocupa en la escala social. Es decir, la naturaleza y la historia introducen diferencias materiales, simbólicas, de prestigio y de poder entre los seres humanos.

Ahora, ¿cómo podemos valorar estas diferencias, en el pensamiento educativo contemporáneo? Luego de 200 años desde la creación del sistema educativo chileno, el ideal educativo democrático, se caracteriza por preservar su sentido original, es decir, deslegitima a la distribución que efectúa la historia y la naturaleza.

En este contexto, y retomando la pregunta del Seminario que nos convoca, es decir: ¿Cuál es el sentido de hablar de investigación aplicada en la formación de postgrado? Tiene como primera respuesta, la necesidad de resignificar el ideal educativo democrático. Es decir, ajustar los propósitos formativos de acuerdo al desempeño de cada uno de los estudiantes en sus contextos específicos de desarrollo, sus competencias laborales, esfuerzo e imaginación más que su herencia o cuna.

Es ese ajuste al ideal educativo democrático, me parece, es el que subyace a la pregunta por el sentido de hablar investigación aplicada en la formación de postgrado ayer y hoy, en el marco de la educación superior en general y de la de especialización profesional en lo particular.

Para continuar respondiendo a la pregunta central de este trabajo, esto es ¿cuál es el sentido de la investigación aplicada en el marco de la formación de postgrado? es importante hacer “un doble clic” a este ideal educativo moderno.

Kant (1979), cuyas ideas revolucionaron el pensamiento ilustrado decimonónico, sostiene que una sociedad justa es aquella que distribuye los recursos en base al mérito, de ahí que a educación pública tiene el propósito el igualar según el esfuerzo y no la cuna.

De esta forma, la educación pública de la que forman parte la Universidad Estadual de Bahía y la Universidad de Chile aquí presentes, se inspira y por ende tiene sentido, desde este



ideal. En otras palabras, la educación representaría la promesa que las sociedades brasileñas y chilenas hacen a sus ciudadanos de que su lugar en el mundo dependerá del esfuerzo; no de su cuna o del azar natural. A la base del ideal se encuentra la idea que los bienes escasos, como el poder y el prestigio, deben distribuirse en proporción al desempeño de los ciudadanos. En palabras de Dewey (1927) la educación pública está animada fundamentalmente por un ideal de igualdad: no sería, entonces la eficacia sino la justicia un parámetro adecuado para discutir sobre la calidad educativa de nuestras propuestas formativas de postgrado.

Para seguir profundizando respecto del ideal democrático y su rol en la crítica de expectativas que sufre la propuesta de reforma de educación superior y con ello ir profundizando en este trabajo, es importante dimensionar la igualdad de oportunidades, estas son: a) de acceso, de proceso y de distribución de ventajas sociales. Una cosa, como ustedes se seguro han vivido, es considerar quienes acceden a nuestras universidades, otra quienes progresan en sus estudios y quienes egresan.

De este modo, para pensar en el sentido de la calidad en la formación de postgrado importante, reflexionar sobre quienes acceden a tal formación o a quienes les corresponde la tarea de colaborar en su formación. Luego, dilucidar si todos los que están en los programas tienen las mismas oportunidades de desarrollar competencias académicas o profesionales y, finalmente, saber cuánto valor tiene esta formación en la distribución de oportunidades sociales y laborales. Es decir, para entender el sentido de hablar de calidad de la investigación aplicada es importante juzgar teniendo presente cada una de estas preguntas, las cuales interpelan tanto al que aprender como al que enseña y al contenido compartido. Ese es uno de nuestros principales desafíos y al cual me avocaré en esta parte final.

Intentar una comprensión de la actual discusión de sobre el sentido formativo de la investigación aplicada que se genera en los procesos de graduación de los maestrados y doctorados profesionales implica necesariamente reflexionar sobre qué entendemos por calidad de la investigación aplicada, cómo esta concepción se relaciona con los actores y contextos involucrados en el proceso investigativo y de qué manera incide en los actuales desafíos formativos y de evaluación/acreditación de la calidad de la pos-graduación con perspectiva profesional.

Cuando se piensa en investigación aplicada, el sentido común nos remite al acto de investigar la realidad, topándose con un proceso sistemático que, si bien atiende a una totalidad, mantiene un significado incompleto. Por lo cual requiere de complementos que posibiliten su explicitación y comunicabilidad. El primer agregado que precisa la investigación aplicada es contar con un contenido que permita adjetivar su calidad. Por tanto, es imprescindible dilucidar



en los trabajos finales de nuestros maestrados y doctorados profesionales ¿cuál es el contenido que agrega calidad a la investigación aplicada?

La discusión sobre la calidad de la investigación aplicada, entonces, necesita para una aproximación inicial de su esclarecimiento, preguntarse qué significado tiene utilizar la investigación aplicada en contextos de post-graduación profesional. Es decir, tensionar qué creencias epistemológicas, concepciones teoréticas, experiencias investigativas y prácticas metodológicas se enseñan en nuestras aulas universitarias en relación a la investigación aplicada (Lyotard, 2006). Este es un primer desafío que debemos enfrentar al momento de reflexionar respecto de ¿cuáles son las reales posibilidades de practicar la investigación aplicada en el contexto de la post-graduación actual?

La investigación aplicada exige otro tipo de agregado para adjetivar su cualificación. Saber quién es el profesional que realiza una investigación aplicada para certificar el cumplimiento del perfil de egreso de nuestros programas: en nuestro caso, en su mayoría profesionales del sistema de educación pública de Brasil, Chile, México y Portugal (países de los llamados “en vías de desarrollo”). Por tanto, la calidad de la investigación aplicada incluye detenerse en la relación epistemológica objeto (contenido de la investigación)-sujeto cognoscente (profesional en proceso de graduación) que está a la base del modelo formativo de cada uno de nuestros programas, en los términos planteados por Freire (2006). Entender esto, es aproximarse un poco más a la comprensión del debate.

¿Es entonces una crisis de la teoría del conocimiento la que subyace al debate sobre la calidad de la investigación aplicada en el contexto de los maestrados y doctorados profesionales? Analicemos bien la pregunta: si se admite la presencia de una crisis de la teoría del conocimiento, en cuyo núcleo está la brecha de capacidad de los formadores de post-graduación para garantizar contenidos de calidad para profesionales del sistema educativo, social o mercado laboral, estamos en presencia de una comprensión más compleja del debate y, por medio de esta, ante el develamiento de una voz ausente en éste: la de los profesionales en formación y, por extensión, la de sus comunidades de práctica. El reconocimiento de estas ausencias constituye un segundo desafío del actual debate y un paso adelante para su plausible resolución.

El tema empieza a complejizarse aun más, cuando nos preguntamos por cómo se entiende el proceso de formar con calidad a profesionales en investigación aplicada para realidades complejas, emergentes y dinámicas como los sistemas educativos, que transitan de reforma en reforma y desde un enfoque centrado en la enseñanza a uno que pone en el medio el aprendizaje (Ortega y Gaset, 2001). Por lo tanto, el cambio social y educativo pasa a ser un alcance necesario



en el debate en curso. En efecto, el formar profesionales del sistema educativo, laboral o social en investigación aplicada pasa irrevocablemente por reflexionar sobre quien forma: ¿un académico y/o un profesional de excelencia? Preguntarse por quién es, cuál es su trayectoria académica y/o profesional, cómo guía qué problemas de calidad abordar en el trabajo final de sus orientandos y cómo éste se relaciona con las realidades de tales profesionales y sus comunidades de práctica es vital para la Investigación Aplicada. Es decir, cuáles son las fuentes de su orientación y cómo estas informan su concepción de calidad de la investigación aplicada al momento de evaluar y socializar los trabajos con la comunidad del programa. En este sentido, pues, el debate exige también una mirada sobre el equipo docente (Esteve, 2004), sus trayectorias profesionales, condiciones humanas y materiales, constituyendo un tercer desafío para avanzar en el debate.

De este modo, el desafío que se nos plantea como académicos que participamos en programas de maestrado o doctorado profesionales es que el debate sobre la Calidad de la Investigación Aplicada, el cual pasa necesariamente por cuestionar las propias bases de nuestros modelos formativos (Lessing, 1982; Diotima, 2004; Krishamurti, 2009). Sobre este último, la explicitación conceptual de lo que entendemos por investigación aplicada no basta para asegurar su pertinencia social, efectividad laboral e impacto formativo (calidad); el reconocimiento de la centralidad que tienen los y las profesionales en formación en la investigación aplicada y la visibilidad de la voz de sus comunidades de práctica no alcanza para justificarla; el conocimiento de las trayectorias profesionales y/o académicas de los formadores de profesionales y la experiencia que estos tengan en la práctica de la investigación aplicada y cómo esta incide en sus orientaciones del trabajo final no llegan a validarla. Para todo ello se precisa, además, poner en el centro del debate preguntas fundamentales, tales como: que sociedades pretendemos potenciar, en qué universidades pretendemos convertirnos y qué profesionales queremos formar.

Finalmente, se asume que los alcances y desafíos propuestos tienen un carácter académico y provisional, constituyendo una aproximación reflexiva y poco sistematizada, pero orientada a contribuir al debate sobre los principios y contenidos que están a la base de la problemática central del presente coloquio internacional de investigación aplicada: la Educación.

BIBLIOGRAFÍA DE REFERENCIA

Dewey, J. (1927). *Democracia y Educación*. Universitaria: Santiago de Chile.

Diotima (2004). *El perfume de La maestra*. En el laboratorio de la vida cotidiana. Icaria Editorial: Barcelona.

Durkheim, E. (2009). *Educación y Sociología*. Popular: Madrid.



- Esteve, J. (2004). El Malestar Docente. Paidós: Barcelona.
- Freire, P. (1994). La naturaleza política de la educación. Planeta-Agostini: Barcelona.
- Freire, P. (2006). Pedagogía de la Autonomía. Saberes necesarios para la práctica educativa. Siglo XXI: México D.F.
- Hegel, G. (1966). Fenomenología del Espíritu: Fondo de Cultura Económica. Mexico D.F.
- Kant, I. (1979). Filosofía de la Historia. Fondo de Cultura Económica: México D.F.
- Krishnamurti, J. (2009). Sobre la Educación. Kairos: Barcelona.
- Lessing, G. (1982). La Educación del género Humano. Editora Nacional: Madrid.
- Lyotard, J. (2006). La condición Postmoderna. Informe sobre el saber. Cátedra: Madrid.
- Marx, C. (2008). El Capital. Iberlibro: Barcelona.
- Ortega y Gasset, J. (2001). Misión de la Universidad. UBA: Buenos Aires.
- Peña, C. (2012). El sentido de la crisis educacional. Documento de Trabajo, Universidad Austral de Chile.
- Rousseau, J. (1991). Del Contrato Social. Discurso sobre las ciencias y las artes; Discurso sobre el origen y los fundamentos de la desigualdad entre los hombres. Alianza: Madrid.
- Weber, M. (1983). Economía y Sociedad. Fondo de Cultura Económica: Mexico D.F.



Desafios e Possibilidades na Gestão de Periódicos Acadêmicos: experiências com a difusão do conhecimento na Plurais - Revista Multidisciplinar

GILVÂNIA CLEMENTE VIANA

Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. Bacharel em informática pela UCSAL; Analista Universitário da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. gclementeviana@gmail.com

MÁRCEA ANDRADE SALES

Doutora em Educação. Professora Adjunto da Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação, Campus I/Salvador-BA. Professora permanente do Mestrado Profissional e Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC UNEB. masales@uneb.br

DARLAINE PEREIRA BOMFIM DAS MERCÊS

Bacharel em Ciências Sociais (UNEB, 2016). Especialização em Educação em Direitos Humanos (em curso) darlainebomfim@hotmail.com



Resumo

Este texto tem como objetivo apresentar a Plurais Revista Multidisciplinar da UNEB enquanto periódico eletrônico gerenciado pelo conjunto de Programas de Pós-graduação em Educação, na modalidade de pesquisa em Mestrados Profissionais em Educação. O periódico é voltado à divulgação da produção científica e acadêmica desse coletivo desde 2016 e está lotado no Programa *stricto sensu* Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, da Universidade do Estado da Bahia – GESTEC UNEB. Assim, o texto argumenta necessidades e possibilidades existentes no processo de gestão de periódicos científicos que passam por desafios contemporâneos, por questões relacionadas ao acesso aberto e que precisam ser discutidas amplamente. Para tanto, como a Plurais, os periódicos precisam se associar, cada vez mais, às tecnologias da informação e comunicação para cumprir seu papel de difusão e divulgação do conhecimento científico, alcançando maior visibilidade na comunidade acadêmica, e promovendo a democratização do conhecimento, a partir de condições de igualdade ao acesso a literatura acadêmica.

Palavras-chave: Gerenciamento de Periódicos. Difusão do Conhecimento. Sistemas Digitais. Acesso Aberto.

Desafíos y Posibilidades en la Gestión de Periódicos Académicos: experiencias con la difusión del conocimiento en la Plurais - Revista Multidisciplinar

Resumen

Este texto tiene como objetivo presentar la Plurais Revista Multidisciplinar de la UNEB como periódico electrónico gestionado por el conjunto de Programas de Postgrado en Educación en la modalidad de investigación en Maestrías Profesionales en Educación. El periódico está orientado a la divulgación de la producción científica y académica de ese colectivo desde 2016 y está en el Programa *stricto sensu* Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, da Universidade do Estado da Bahia – GESTEC UNEB. Así, el texto argumenta necesidades y posibilidades existentes en el proceso de gestión de revistas científicas que pasan por desafíos contemporâneos, por cuestiones relacionadas con el acceso abierto y que necesitan ser discutidas ampliamente. Por lo tanto, así con la Plurais, los periódicos necesitan asociarse, cada vez más, a las tecnologías de la información y comunicación para cumplir su papel de difusión y divulgación del conocimiento científico, alcanzando mayor visibilidad en la comunidad académica, y promoviendo la democratización del conocimiento, a partir de condiciones de igualdad al acceso a la literatura académica.

Palabras claves: Gestión de Periódicos. Difusión del conocimiento. Sistemas Digitales. Acceso abierto.



Desafios e Possibilidades na Gestão de Periódicos Acadêmicos: experiências com a difusão do conhecimento na Plurais - Revista Multidisciplinar

O debate sobre a difusão do conhecimento, no Brasil, vem trilhando caminhos próprios da contemporaneidade, buscando superar questões de um modelo de pesquisa impregnado, ainda, pela racionalidade técnica e suas repercussões no conhecimento científico. Finalizamos o século XX, valorizando a pluralidade e as identidades profissionais e, passada a primeira década do século XXI esse debate foi ampliado e outras formas de fazer e pensar (n) o mundo foram reorganizadas.

As Instituições de Ensino Superior – IES são produtoras de grande volume de conhecimento científico, em processo de geração contínuo. Contudo, parte desse conhecimento ainda é pouco sistematizado e/ou socializado, acarretando prejuízos ao desenvolvimento da ciência, da sociedade e das próprias instituições. No Brasil, a maior parte das pesquisas científicas, produzidas nessas Instituições está diretamente vinculada aos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*. Esses Programas constituem o sistema educacional brasileiro, sendo responsáveis pela formação dos recursos humanos qualificados em ciência e tecnologia, e respondem pela maior quantidade de pesquisas realizadas no país.

Para além do desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação, que possibilitou aos pesquisadores veicularem suas pesquisas científicas como bens culturais de domínio público, a partir do acesso em escala global, o acesso pelas camadas populares da sociedade aos resultados das pesquisas desenvolvidas no Ensino Superior ainda é um desafio. Adverte-nos Buarque (2000, p. 10) que,

Em que pese esses avanços, os conhecimentos e os saberes gerados pela universidade continuam restritos, via de regra, aos segmentos mais privilegiados da população, não por culpa, mas, antes, devido aos modelos excludentes de desenvolvimento que sonham às camadas mais pobres a educação e os conhecimentos necessários à sua emancipação. Em decorrência disso, falta, ainda, para usar as palavras de Darcy Ribeiro, o norte orientador do roteiro de passos concretos, cada vez mais complexos, que nos levariam a criar uma universidade necessária ao desenvolvimento cultural autônomo do Brasil.

Programas de Pós-graduação que trabalham na perspectiva da formação profissional alteram muitos significados vividos por cada ator desse processo. Assim, a produção do conhecimento científico implica em refletir acerca das concepções de pesquisa e sua difusão para a sociedade. Para Santos (2015, p. 05),



Embora a produção científica seja relevante para a avaliação das instituições de ensino superior, a divulgação científica dessa produção nem sempre é vista como prioridade nas IES brasileiras. Geralmente está voltada a públicos e espaços especializados e, muitas vezes, carregada de jargões e termos específicos à área de abrangência do estudo, tornando-se publicações inacessíveis ao público leigo.

Nesse sentido, pensando em formas viáveis para a difusão do conhecimento e da produção científica, entendemos que o Movimento de Acesso Aberto vem contribuindo em grande escala para disseminação do conhecimento e das pesquisas científicas. Revolucionando a maneira de interação com a ciência, promovendo um acesso amplo e irrestrito a conteúdos que, tradicionalmente, transitavam – apenas – entre estudiosos e pesquisadores, nos diz Leite (2009, p.15) que,

O acesso aberto nesse contexto significa disponibilização pública na Internet, de forma a permitir a qualquer usuário a leitura, *download*, cópia, distribuição, impressão, busca ou criação de *links* para os textos completos dos artigos, bem como capturá-los para indexação ou utilizá-los para qualquer outro propósito.

Assim, entramos no século XXI com organizações educacionais modificadas, processos formativos docentes redefinidos e currículos repensados pelos atores da educação. Hoje, contamos com maior participação da sociedade organizada e acúmulo das discussões entre os atores envolvidos, cenário que levou à compreensão da necessária articulação entre as Instituições de Ensino Superior e o coletivo da sociedade.

No fluxo dessas mudanças, temos maior demanda pela difusão do conhecimento mais ampla para toda sociedade o que, certamente, segue nos desafiando para que o conhecimento científico saia dos muros das Instituições que o produzem e envolvam a coletividade numa forte articulação entre o Ensino Superior e a população de nosso país. Se os resultados das pesquisas é um direito social, é dever das Instituições de Ensino Superior socializar sua produção científica.

O Movimento Acesso Aberto: um breve histórico e perspectivas

O Acesso Aberto é definido como “Recursos que estão acessíveis e disponíveis para os usuários, sem a necessidade de autenticação ou pagamento”, conforme William Arms (2000, *apud* Fausto, 2013). A primeira ação para a constituição do Movimento de Acesso Aberto é



datada em 1971, com a criação do Projeto Gutenberg¹, que tem por objetivo disponibilizar livros de forma eletrônica, livremente. Entretanto, somente com o advento da internet para uso irrestrito da sociedade, é que este movimento ganhou força e obteve em seu favor diversas iniciativas de instituições mundialmente reconhecidas, das quais podemos citar alguns, com base no descrito em Fausto (2013).

- Em 1990 foi lançada a revista online revisada por pares e de acesso livre *Electronic Journal of Communication*;
- Em 1993 foi lançado o Projeto MUSE, pela Milton S. Eisenhower Library em parceria com a Johns Hopkins University Press, nos EUA. O Projeto Muse não é de acesso livre, mas foi pioneiro na distribuição online. Permite a pesquisa de texto completo gratuito e a editora JHU Press permitiu que os autores mantivessem seus direitos autorais;
- Em 1994 Wayne Marr e Michael Jensen lançam a Rede de Pesquisa em Ciências Sociais (*The Social Science Research Network -SSRN*) e, a revista impressa *Florida Entomologist*, lançada em 1917, converte-se em acesso aberto. A partir de abril de 1999, todos os números anteriores até 1917 foram disponibilizados em acesso livre.
- Em 1997 a base Medline, lançada em 1966 pela *National Library of Medicine* torna-se de acesso aberto, incorporada pelo PubMed;
- Nos anos de 1997 a 1998 é desenvolvido o projeto SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) pela FAPESP (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo) em parceria com a BIREME (Centro Latino-americano de Informação em Ciências da Saúde);
- Em 1999 aconteceu a reunião de Santa Fé (Califórnia), onde foi apresentado e discutido o protótipo do *Universal Preprint Service (UPS)*, que evoluiu para o Open Archives Initiative (OAI).

A Declaração de Iniciativa em Acesso Aberto Budapeste (*Budapest Open Access Initiative*), em 2001, desencadeou uma série de ações para o fortalecimento dessa iniciativa. Assim, o ano de 2002 foi marcado por diversas ações que incrementaram a disseminação científica em acesso aberto, a exemplo do lançamento do *Open Knowledge Network*, na África, do lançamento, por Lawrence Lessig, da licença *Creative Commons*, a qual pretende equilibrar as questões sobre

¹ Endereço eletrônico do Projeto Gutenberg: <http://www.gutenberg.org/wiki/Gutenberg>About>



o direito autoral e a disponibilização das obras em acesso aberto, permitindo que os conteúdos sejam copiados, editados, distribuídos e utilizados para criar novos trabalhos, desde que sejam atribuídos os devidos créditos ao autor da pesquisa originária. Foram lançados os projetos RoMEO (*Rights MEtadata for Open archiving*) e SHERPA (*Securing a Hybrid Environment for Research Preservation and Access*) pelo JISC-FAIR.

Ainda em 2002, o MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) lança o software DSpace, software livre, de código aberto, para implantação de Repositórios Digitais. E o *Public Knowledge Project* (PKP) lança o *Open Journal Systems* (OJS), software livre para a gestão de publicação de revistas.

Em 2003 foi lançada a Declaração de Berlim sobre Acesso Livre ao Conhecimento nas Ciências e Humanidades¹, num Congresso da Sociedade de Max Planck², em Berlim. Nessa declaração, a qual foi inspirada pela Declaração de Iniciativa em Acesso Aberto Budapeste, se abordou a nova possibilidade de difusão do conhecimento, por meio da internet. Demonstrando interesse na “promoção continuada do novo paradigma de acesso livre para obter o máximo proveito para a ciência e a sociedade.” Ainda nessa declaração é definido acesso livre como “uma fonte universal do conhecimento humano e do patrimônio cultural que foi aprovada pela comunidade científica”. É exposta, ainda, a preocupação com a sustentabilidade, interação e transparência da WEB, afirmando que os conteúdos e ferramentas de software podem ser livremente acessíveis e compatíveis.

Em 2005, a partir do Seminário Internacional Acesso Aberto para Países em Desenvolvimento em paralelo ao 9º Congresso Mundial de Informação em Saúde e Bibliotecas, organizados pela BIREME/PAS/OMS, em Salvador/BA, emitem a “Declaração - Compromisso com a Equidade”, o qual solicita aos governos a promoção de acesso equitativo e irrestrito, além da “Declaração de Salvador sobre Acesso Aberto: perspectivas do Mundo em Desenvolvimento”, requisitando aos governos a exigência de acesso aberto à investigação com financiamento público e o fortalecimento de periódicos em acesso aberto e de repositórios.

No ano de 2005 o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) elaborou um “Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação”. Neste Documento, baseado nos termos da Declaração de Berlim, admite-se a necessidade em aderir ao movimento

¹ Versão portuguesa elaborada pelos Serviços de Documentação da Universidade do Minho URL: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/about/declaracao-berlim.html> Acessada em 24/04/2015.

² Max Planck Society – Instituição de pesquisa científica, mundialmente conhecida, alemã e sem fins lucrativos.



mundial e estabelecer uma política nacional de acesso livre à informação científica. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos: promover o registro da produção científica brasileira; promover a disseminação da produção científica brasileira; estabelecer política nacional de acesso livre à informação científica, e buscar o apoio da comunidade científica em prol do acesso livre à informação científica. Ao final desse Documento, o IBICT faz algumas recomendações às instituições acadêmicas brasileiras, aos pesquisadores/autores, às agências de fomento e às editoras comerciais e científicas, das quais destacamos uma:

É **imperativo** que as **instituições acadêmicas** brasileiras se comprometam a: 3. encorajar seus pesquisadores a publicar resultados de suas pesquisas em periódicos de acesso livre, onde houver um periódico apropriado para isso Deve-se, além disso, prover o apoio necessário para que isso ocorra; 4. reconhecer a publicação em ambiente de acesso livre para avaliação e progressão acadêmica; 5 ter disponíveis, em ambiente de acesso livre, os periódicos editados pela instituição e seus órgãos subordinados. (IBICT, 2005, s/p) (grifos no Documento)

Assim, diante do crescente apoio e adesão ao Movimento do Acesso Aberto, e devido às formas de integração e conectividade da sociedade global na contemporaneidade, entendemos que disponibilização livremente e gratuitamente – em Acesso Aberto – da produção científica, do conhecimento e que quer dizer da própria ciência, é um caminho irreversível e significa o desenvolvimento da sociedade e a celeridade dos impactos dos resultados das pesquisas acadêmicas.

A Plurais - Revista Multidisciplinar e sua dinâmica

A *Revista Plurais*³, a partir de 2016, passa a ser publicada em formato digital e disponibilizada em acesso aberto. Assumida pelo coletivo dos Mestrados Profissionais em Educação (MPE) reúne pesquisadores com trabalhos desenvolvidos na Pós-Graduação, com o intuito de promover a difusão e a divulgação do conhecimento nessa área. Na última Quadrienal CAPES (2013-2016) foram avaliados 42 Mestrados Profissionais em Educação, sendo que 54% destes tiveram o conceito CAPES alterado de 3 para 4. No entanto, observa-se que poucos Programas *stricto sensu*, nessa modalidade de pesquisa, têm periódicos.

Até 2014 o periódico tinha versão impressa e era assumido por professores da Universidade do Estado da Bahia, sem estar relacionada a Programa de Pós-graduação. Em 2016 passa a

3 Nesse texto, nos referiremos ao periódico dessa forma.



vincular-se ao Programa de Pós-graduação de Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Por conta do intervalo de dois anos sem publicação, o periódico perde qualificação e indexação. Em 2017, após avaliação da CAPES, volta a ser indexada, mediante a regularização da sua publicação.

Organizada em Dossiê Temático, Estudos/Ensaio e, Relatos de Pesquisa, tem publicação quadrimestral de textos que discutem conteúdos de pesquisa na *Área de Educação*, contando com participação de autores brasileiros e estrangeiros. A submissão de textos é de fluxo contínuo, busca fomentar a socialização das experiências na Educação em todo país e, no limite de três autores, no mínimo um deles deve ter o título de Mestre ou Doutor. Intenta-se, assim, favorecer a publicação de estudantes de Pós-graduação com seus orientadores.

Os textos são enviados por meio do Sistema Eletrônico de Editoração de Revista – SEER; e devem estar gravados em extensão RTF (*Rich Text Format*), no limite de 2MB, com metadados devidamente preenchidos. Como parte do processo de submissão, os autores devem verificar a conformidade da submissão. A avaliação dos textos recebidos é feita pelos pares, sem que seja identificada a autoria dos artigos (avaliação às cegas) e envolve pareceristas *ad hoc*, doutores de diversas instituições do país, onde há mestros profissionais em educação.

Desde sua retomada, em 2016, a *Revista Plurais*, por ter adotado a publicação em acesso aberto, passou a atender as recomendações expostas no Manifesto Brasileiro de apoio ao Acesso Livre à Informação, do IBICT, constituindo-se como um ambiente propício à disponibilização da produção científica oriunda dos pesquisadores vinculados aos MPE. Desta forma, torna-se um potente canal de visibilidade dos resultados das pesquisas nela publicada; afasta-se da lógica mercadológica dos periódicos com assinaturas, muitas vezes, com a prática de preços abusivos e, portanto, coloca os pesquisadores em condições de igualdade no momento da publicação; fomenta a cooperação, uma vez que permite o acesso livre e gratuito as pesquisas, possibilitando a sua utilização, ampliação, modificação e ressignificação e, especialmente, democratiza o conhecimento, pois cria condições de igualdade ao acesso ao seu acervo.

As contribuições das TIC no processo de gestão da revista

As Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC assumem, hoje, um importante papel na gestão de periódicos científicos, tanto no que se refere aos mecanismos de controle do fluxo editorial, quanto nos mecanismos de divulgação e nas formas de explorar seus índices estatísticos.



Com relação ao controle e gestão de fluxo editorial, existem plataformas ou sistemas especificamente desenvolvidos para esta finalidade e com o propósito de trazer benefícios para a Equipe Editorial durante toda a tramitação dos textos a serem publicados, incluindo-se aí facilidade no trabalho de comunicação do conselho editorial da revista com os autores durante a submissão, com o conselho editorial durante a avaliação dos textos, e com o leitor a partir da disponibilização de acesso ao conteúdo publicado.

No caso da *Revista Plurais*, a ferramenta adotado é o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), traduzido do inglês *Open Journal System (OJS)*, divulgado e distribuído pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia a editores interessados em publicar revistas de livre acesso na internet (IBICT, 2017), como uma plataformas digitais especializadas na automação das atividades de editoração de periódicos científicos como submissão, avaliação, revisão e publicação. A Figura 1 mostra a página da *Revista Plurais* a partir do sistema *OJS*.

Figura -1. Plurais Revista Multidisciplinar com a plataforma OJS



FONTE: site do periódico <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/index>

No entanto, um dos desafios encontrados pela Equipe de Editoração da *Revista Plurais*, no uso do *OJS*, é o de automatizar todo fluxo de submissão e avaliação da revista. A alternativa encontrada para o controle dos artigos aprovados para publicação de cada número da revista sistema foi contar com o auxílio do correio eletrônico.

Dentre os objetivos dos periódicos científicos na atualidade é o de conseguir visibilidade e alcançar boas classificações em *rankings* ou listas voltadas a avaliação de periódicos por áreas e com finalidade específicas. Com isso, é necessária a adequação às determinadas exigências,



incluindo a associação a diferentes plataformas digitais. Como exemplo, temos as exigências feitas por órgãos governamentais para classificar periódicos enquanto veículos de produção e divulgação científica, como é o caso da avaliação feita pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2017), fundação do Ministério da Educação (MEC) que exerce funções voltadas à expansão da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação. Neste contexto, a CAPES apresenta o *Qualis Periódicos* como instrumento para avaliar a produção intelectual dos docentes e discentes dos Programas (BARATA, 2016). Para conseguir alcançar uma boa classificação junto ao *Qualis Periódico*, é preciso atender aos critérios estabelecidos - dentre eles está a associação à endereços digitais de divulgação na internet (rede mundial de computadores), os chamados indexadores, que têm o papel de tornar o periódico e suas publicações mais acessados e conseqüentemente mais conhecidos.

Os indexadores, por sua vez, fazem uma série de exigências para inserir uma revista no seu portfólio e em seus mecanismos de busca. Como exemplo de importantes indexadores reconhecidos pela CAPES temos o LATINDEX - sistema de informação *online* para revistas científicas de América latina, Caribe, Espanha e Portugal, que dissemina informações bibliográficas sobre publicações científicas produzidas.

BARATA (2016, p.33) apresenta a necessidade crescente de indexadores para as áreas as quais a *Revista Plurais* pertence e argumenta,

(...) nas áreas de Ciências Humanas e Sociais até recentemente havia um número reduzido de periódicos indexados em bases bibliométricas; portanto, para a maioria dos veículos não havia nenhuma medida de impacto disponível, sem contar o fato de que parte da publicação nessas áreas se faz preferencialmente por meio de livros e coletâneas. Essa tradição começa a mudar pressionada pelo uso crescente desses indicadores em diversos processos de avaliação do desempenho acadêmico.

Seguindo essa lógica, a Equipe Editorial da *Revista Plurais* tem, hoje, o desafio de buscar maior número de indexadores indicados para atender aos critérios considerados de qualidade na Área de Educação, foco da *Revista Plurais* e, com isso, alcançar melhores níveis na classificação junto à CAPES.

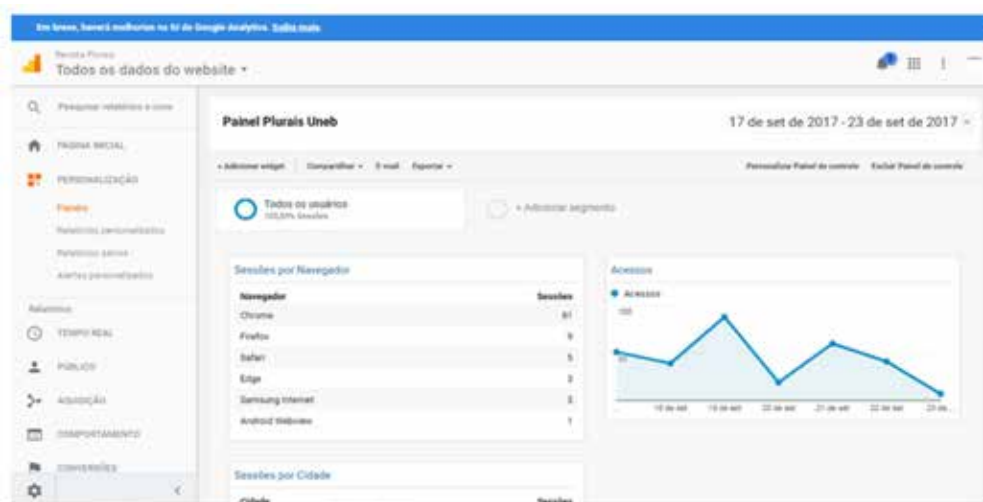
No que se refere à exploração dos índices estatísticos, existem plataformas digitais especializadas em contabilizar acessos aos endereços eletrônicos na internet, podendo até mesmo indicar a localização geográfica da origem desses acessos. No caso dos periódicos eletrônicos,



tais plataformas podem trabalhar em conjunto com os sistemas de hospedagem utilizado para trocar informações e gerar os índices da revista. Para explorar tais índices estatísticos, a *Revista Plurais* foi associada à Plataforma *Google Analytics* (2017) e ao denominado geolocalizador e contador de acessos *Clustrmaps* (2017).

Na Figura 2 é possível visualizar a exemplo da utilização dos relatórios emitidos pelo *Google Analytics* para extrair o volume de acessos à *Revista Plurais* em períodos específicos, bem como o navegador utilizado pelos usuários.

Figura 2. Relatório de acessos da *Revista Plurais* com o *Google Analytics*



FONTE: Produzido pelas autoras a partir da ferramenta *Google Analytics*.

Já na Figura 3, é possível visualizar o mapa disponibilizado pelo *Clustrmaps* que foi inserido no rodapé do endereço eletrônico da *Revista Plurais*, com a localização dos usuários que realizaram os últimos acessos à revista.

Figura 3. Número de acessos à Plurais contabilizado pelo Clustrmaps.

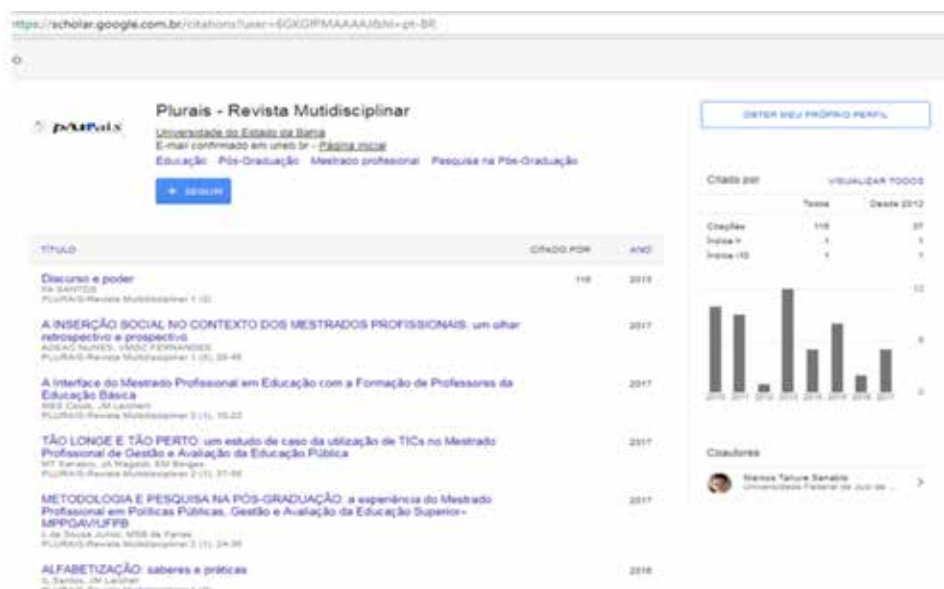


FONTE: site do periódico - <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/index>

No relatório do *Google Analytics* é possível perceber que no período analisado o maior número de acesso foi justamente próximo a data de publicação do segundo volume da revista em 2017; e que, depois dessa data, os acessos começaram a decair. Com relação ao relatório do *Clustrmaps* pode-se verificar, ainda, que o maior número de acessos se concentra no Brasil.

Outra importante informação para os periódicos científicos eletrônicos é o número de citações dos artigos por ela publicados. Uma vez que esta informação possibilita indicar se o conteúdo publicado pelo periódico está sendo lido e influenciando novas produções científicas. A *Revista Plurais* utiliza como plataforma de controle de citações o *Google Acadêmico* (2017) e, assim, consegue visualizar a relação de citações e volume de citações por ano como mostra a Figura 4.

Figura 4. Controle de citações da *Revista Plurais* em outras produções científicas



FONTE: site do periódico - <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/index>

As plataformas digitais são capazes de contribuir com a gestão de periódicos acadêmicos, e vão além dos exemplos aqui apresentados, como os sistemas voltados para controle de plágio, os sistemas voltados à definição dos direitos autorais do que é publicado na revista, e os mecanismos de identificação de autores ou textos, como é o caso do DOI⁴ (do inglês *Digital Object Identifier* ou identificador de objetos digitais) e do ORCID⁵ - ambos têm a proposta de gerar números de identificação para obras e autores. Juntas, estas plataformas funcionam como dispositivos que geram informações estratégicas, possibilitando identificar as fragilidades ou potenciais de uma revista.

4 <https://www.doi.org/>

5 <https://orcid.org/>

Considerações Finais

Conforme visto ao longo do texto, os sistemas digitais representam ferramentas indispensáveis à gestão dos periódicos acadêmicos. É possível perceber que os sistemas aqui exemplificados funcionam como mecanismos que geram informações estratégicas capazes de possibilitar a identificação dos potenciais e fragilidades de um periódico científico eletrônico, e a partir daí desenvolver melhorias na gestão ou até mesmo repensar novas formas de trabalho.

Assim como os demais periódicos acadêmicos, a *Revista Plurais* segue realizando adaptações no seu formato e buscando novas parcerias para que tenha maior circulação, maior visibilidade e, assim, atenda ao propósito de difusão do conhecimento científico e acadêmico, atenta aos requisitos necessários para obtenção de melhores resultados nas avaliações na área de educação junto ao *Qualis Periódico*.

Nesse sentido, acreditamos que a retomada da *Revista Plurais* com adoção de formato digital, em acesso aberto, foi uma decisão acertada. Pois, além da aceitação dos autores, refletida no significativo número de submissões de textos, viabilizando, desta forma, a regularidade da publicação do periódico, também possibilitou a sua indexação e o seu regresso ao processo de avaliação da CAPES, conquistando em sua primeira avaliação, pós- transição, as notas: B4 – na área Interdisciplinar e B5 – na área de Educação.

A disponibilização da *Revista Plurais* em acesso aberto acompanha uma tendência mundial que envolve importantes instituições produtoras de conhecimentos e órgãos responsáveis pela disseminação da informação. Para além desta questão, serve como um mecanismo eficiente para diminuir a pressão financeira das bibliotecas acadêmicas, possibilitando a publicação e o acesso aos textos sem qualquer custo com assinaturas ou taxas relacionadas à difusão do conhecimento.

Na mesma perspectiva, por estarmos vinculado a um Programa de Pós-graduação público, custeado pela Universidade do Estado da Bahia, em articulação com um coletivo de Mestrados Profissionais em Educação, os quais, em sua maioria, estão vinculados a instituições públicas, o acesso aberto configura-se como instrumento democrático da informação e caracteriza-se como ferramenta devolutiva para a sociedade dos recursos públicos, promovendo condições de igualdade ao acesso literário depositado na *Revista Plurais*.



Os sistemas digitais adotados pela *Revista Plurais* estão permitindo que a gestão realize o monitoramento que torna perceptível o movimento sobre o acesso ao conteúdo publicado no seu endereço eletrônico, e ao mesmo tempo planejar as intervenções identificadas como necessárias.

Acreditamos, também, que o uso desses sistemas digitais de monitoramento, gestão e impacto das pesquisas e do periódico, associado à divulgação dessas informações irá, em médio e longo prazo, desencadear uma mudança cultural dos autores, alavancando, ainda mais, o número de submissões à *Revista Plurais*, aumentando a credibilidade e confiabilidade da revista.

Prospectamos como ações estratégicas para melhorias do amplo uso da *Revista Plurais*: aprimorar a divulgação da revista, de forma a alcançar novos usuários, em especial, oriundos de locais com baixo número de acessos. Para tanto, torna-se necessário a indexação do periódico a outras bases de dados, ampliando a rede de inserção da revista; Também se faz necessários tornar o ambiente virtual da Revista um ambiente responsivo, capaz de adequar a diferentes dispositivos eletrônicos (computadores, celulares, tablets e outros), facilitando o acesso ao seu conteúdo, independentemente, dos instrumentos utilizados pelo usuário.

Por fim, compreendemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido pela Plurais – Revista Multidisciplinar, contudo, é perceptível que estamos na direção correta e que o uso das tecnologias da informação e comunicação podem nos trazer dados tangíveis para mensurarmos a evolução do periódico, direcionando as ações e decisões, conduzindo seus passos e resultados. Assim, será cumprido o papel social de socializar a produção científica, ultrapassando os muros da Academia e, principalmente, rompendo a lógica perversa do conhecimento restrito a grupos seletos de pesquisadores e intelectuais.

REFERÊNCIAS

BARATA, Rita de Cássia Barradas. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. Revista Brasileira de Pós-Graduação. v13, n30. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/947/pdf> Acesso: out/2017.

BUARQUE, C. Tendências da educação superior no século XXI. In: Conferência Mundial sobre o Ensino Superior, 1998, Paris. Anais. Brasília, DF: UNESCO: CRUB, 2000.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em:



<http://www.capes.gov.br>. Acesso: set/2017.

CLUSTRMAPS. Disponível em: <https://clustrmaps.com> Acesso: set/2017.

FAUSTO, S. Evolução do Acesso Aberto – breve histórico [online]. **SciELO em Perspectiva**. 2013. Acessado em 15 October 2017]. Disponível em: <http://blog.scielo.org/blog/2013/10/21/evolucao-do-acesso-aberto-breve-historico/>

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/schhp?hl=pt-BR> Acesso: set/2017.

GOOGLE ANALYTICS. Disponível em: https://www.google.com.br/intl/pt-BR_ALL/analytics/index.html Acesso: set/2017.

IBICT - INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica. Brasília, 2005. Disponível em <http://livroaberto.ibict.br/docs/Manifesto.pdf>, acessado em 15 out. 2017.

IBCT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Sistema Eletrônico de Editoração de Revista**. Disponível em http://seer.ibict.br/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1 Acesso em set 2017.

LATINDEX. Disponível em: <http://www.latindex.org/latindex/descripcion> Acesso: set/2017.

LEITE, Fernando César Lima. Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira: repositórios institucionais de acesso aberto. Brasília: Ibict, 2009.

PLATAFORMA SUCUPIRA. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf> Acesso: set/2017.

SANTOS, Sheila G. dos. **Universidade e Produção do Conhecimento**: um estudo sobre a difusão científica nos Programas de Pós-Graduação da UNEB. Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC UNEB. Salvador, 2015.



CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE POÇO VERDE: GEOTECNOLOGIAS E AS PRÁTICAS INOVADORAS DE ENSINO

MURILO AGUIAR DE SOUZA

Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB). Professor da Rede de Ensino Básico do Estado de Sergipe. murilojamado@yahoo.com.br

FRANCISCO JORGE DE OLIVEIRA BRITO

Doutor em Educação, Coordenador do Projeto A Rádio na Escola na Escola da Rádio. Analista em Informações Geográficas e Estatísticas - Coordenador Estadual do Cadastro Nacional de Endereços com Fins Estatísticos - CNEFE - UE/BA. ccbrito@terra.com.br



RESUMO

A inovação torna-se mais uma criatividade pedagógica para envolver os estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Conceitos geográficos como lugar e espaço podem ser discutidos e mediados pelas geotecnologias através de práticas inovadoras. Diante disso, este trabalho desenvolvido com estudantes do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Epifânio Dória, localizada no município de Poço Verde, Sergipe, tem como objetivo refletir sobre o uso das geotecnologias como mediação nas práticas inovadoras de ensino. A abordagem colaborativa-participativa faz parte do método utilizado para a construção do Atlas de Poço Verde, expressão espacial dos pesquisadores juniores. Ao longo da pesquisa desenvolvemos encontros formativos que exploraram as diferentes formas de expressar o espaço, discutimos semanalmente sobre os lugares pesquisados, além de viajarmos para a apresentação de trabalhos em eventos. O Atlas de Poço Verde elaborado pelos pesquisadores juniores está composto por textos, fotografias e mapas. Consideramos, portanto, que este trabalho proporcionou o entrelaçamento entre a prática e a teoria, no qual as inovações foram determinantes para os resultados, assim como a construção do Atlas foi fundamental para que os lugares dos sujeitos fossem expressos.

Palavras-chave: Geotecnologias. Práticas Inovadoras de Ensino. Lugar. Atlas.

Structure of the Atlas Poço Verde: geotechnologies and innovative teaching practices

ABSTRACT

Innovation becomes more of a pedagogical creativity to engage students in the teaching and learning process. Geographical concepts such as place and space can be discussed and mediated by geotechnology through innovative practices. Therefore, this work developed with students of Ensino Fundamental II of the Epifânio Dória State School, located in the city of Poço Verde, Sergipe, aims to reflect upon the use of geotechnologies as mediation in innovative teaching practices. The collaborative-participatory approach is part of the method used for the construction of the Poço Verde Atlas, spatial expression of junior researchers. Throughout the research we have developed formative meetings that explored the different ways of expressing space, discussed about the places researched weekly, and traveled to present the works in events. The Poço Verde Atlas which was developed by the junior researchers is composed of texts, photographs and maps. Hence, we consider that this work provided the interlacing between practice and theory, in which the innovations were decisive for the results, as well as the construction of the Atlas was imperative so that the places of the subjects were expressed.

Keywords: Geotechnology. Innovative Teaching Practices. Place. Atlas.



CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE POÇO VERDE: GEOTECNOLOGIAS E AS PRÁTICAS INOVADORAS DE ENSINO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o uso das geotecnologias como mediação nas práticas inovadoras de ensino. Buscar estratégias para mediar a prática faz parte da vida profissional, não somente dos professores, mas também dos trabalhadores das áreas diversas. Acredita-se que buscar o melhoramento das práticas de ensino através da inovação gera resultados satisfatórios tanto para discentes quanto docentes. Nesse contexto, as tecnologias são vistas como ferramentas aliadas ao trabalho didático do professor.

As tecnologias estão presentes no cotidiano das unidades de ensino e com isso tornam-se, cada vez mais, indispensáveis no processo de ensino e aprendizagem. É nessa perspectiva que as geotecnologias auxiliam na compreensão e expressão do espaço geográfico. Sendo assim, as geotecnologias envolvem as tecnologias aplicadas ao estudo do espaço, juntando-se, assim, as técnicas com a potencialidade de produção. A aplicação de tecnologias ao estudo do espaço tem proporcionado ao homem compreender melhor as relações socioespaciais do mundo.

Os professores, portanto, são fundamentais na escolha de conteúdos e estratégias pedagógicas a serem trabalhadas na sala de aula. Este profissional é responsável por praticar inovações no ensino, levando sempre em consideração a realidade da unidade de ensino e seu público alvo. Para inovar, os professores apoiam-se nas tecnologias disponíveis para fazerem parte do processo de ensino e aprendizagem nas escolas, centros formativos, faculdades e universidades, entre outras unidades de ensino.

GLOBALIZAÇÃO E GEOTECNOLOGIAS

A globalização gera grande quantidade de informação e difusão das técnicas e tecnologias. Atualmente fazemos parte do “*meio técnico-científico-informacional*” (Santos, 2008). Esta foi a denominação que o geógrafo Milton Santos utilizou para inserir no espaço geográfico a ciência, tecnologia e informação. Logo, a tecnologia e a ciência são produzidas e utilizadas pelo ser humano para gerar um produto final, denominado informação. No entanto, nem sempre essa informação é difundida, sendo centralizada nas mãos de poucos. Apesar de as condições técnicas da informação permitirem que a humanidade tenha conhecimento de tudo o que o mundo mostra ser, acabamos conhecendo apenas aquilo que essas empresas nos permitem saber. Assim, “Como, frequentemente, a ciência passa a produzir aquilo que interessa ao mercado, e não à humanidade



em geral, o progresso técnico e científico não é sempre um progresso moral.” (SANTOS, 2008, p. 65)

As técnicas, além de possibilitar o capital a perdurar sua perversidade, pode também transformar a globalização em instrumento de socialização do saber (SANTOS, 2008). Esse saber nos possibilita promover uma sociedade mais humanizada, no sentido de que todo conhecimento teria por princípio o bem comum. As tecnologias são compreendidas neste trabalho como processos humanos criativos que envolvem os instrumentos e técnicas (materiais) e as ações simbólicas e cognitivas (imateriais). Ou seja, é a capacidade de o homem recriar formas (saber fazer) de suprir suas necessidades.

As geotecnologias, por sua vez, envolvem as tecnologias aplicadas ao estudo do espaço, juntando-se assim as técnicas com a potencialidade de produção. A aplicação de tecnologias ao estudo do espaço, tem proporcionado ao homem compreender melhor as relações socioespaciais que lhe interessa. Portanto:

a geotecnologia representa a **capacidade criativa dos homens, através de técnicas e de situações cognitivas, representar situações espaciais e de localização para melhor compreender a condição humana**. Assim, potencializar as tecnologias, significa ampliar as possibilidades criativas do homem, bem como ampliar os “olhares” à exploração de situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico, ao lugar da política, a representação de instâncias conhecidas e/ou desconhecidas, a ampliação das experiências e a condição de identificação com o espaço vivido (rua, bairro, cidade, estado, país). (HETKOWSKI, 2010, p.06) (grifo nosso).

A autora defende que as geotecnologias potencializam a compreensão do espaço, pois seus instrumentos aproximam os conhecimentos sobre o lugar. São espécies de constatações que estes instrumentos possibilitam. Instrumentos, como imagens de satélites e fotografias aéreas, por exemplo, podem levar ao leitor do espaço uma compreensão mais próxima da realidade.

Entende-se que o espaço sofre transformações constantes, as quais outrora tinham um ritmo menos acelerado, o que causa uma (re)modelagem da paisagem e seus elementos. Portanto, as geotecnologias auxiliam no acompanhamento dessas transformações, levando a sociedade a conhecer a dinâmica espacial do lugar onde vive, ou até mesmo do mundo.

Torna-se interessante frisar que os recursos didáticos, “ferramentas” e metodologias são vistos neste trabalho como estratégias pedagógicas que potencializam as discussões em



sala de aula. Exemplos de pessoas ou grupos de pessoas, como é caso do Grupo de Pesquisa em Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade - GEOTEC, vinculada à Universidade do Estado da Bahia - UNEB, que discutem a educação de forma prática e aberta, vêm fazendo uso das geotecnologias em projetos desenvolvidos em escolas e instituições públicas de ensino. O GEOTEC funciona quinzenalmente com fóruns presenciais e a todo o momento nas diversas pesquisas desenvolvidas pelos seus integrantes em escolas públicas, institutos federais de ensino, universidades públicas e particulares e qualquer outro espaço que esteja aberto à discussão e aplicação das geotecnologias na educação. O GEOTEC tem três grandes projetos: o K-Lab - o qual trata-se de um Laboratório de Projetos e Processos Educacionais; a RedePub - que resgata as Histórias das Escolas da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia; e A Rádio da Escola na Escola da Rádio - sistematização e difusão de conhecimentos sobre os espaços das cidades. Assim,

Nessa realidade educacional o GEOTEC desenvolve projetos e ações, bem como tem uma intensa imersão e engajamento no cotidiano das escolas, vivenciando, juntamente, com a equipe de gestores e professores às demandas, necessidades, conquistas, inovações e proposições à comunidade escolar e seu entorno. Este grupo de pesquisa, multirreferencial, tem como função social contribuir com a formação e qualificação dos profissionais da educação, bem como criar, nos espaços da escola, práticas inovadoras que envolvem, diretamente, os alunos em propostas instigantes e potenciais às suas condições humanas. (HETKOWSKI, 2014, p. 05).

Sendo assim, as práticas inovadoras, segundo a autora, se distinguem de novidades tecnológicas. A inovação advém da práxis como alternativa ao modelo pedagógico atual, prevalecendo no seu âmbito, à potencialidade de entendimento do mundo.

A Rádio da Escola na Escola da Rádio visa a educação científica para os sujeitos envolvidos na proposta de intervenção, gerando a difusão e, conseqüentemente, a popularização da ciência, no ato do desenvolvimento das pesquisas (HETKOWSKI, 2011). Portanto, a ideia de trabalhar com os alunos da Escola Estadual Epifânio Dória, oportunizando-lhes a pesquisa, faz parte do propósito deste projeto, uma vez que as produções podem ser divulgadas e, até mesmo, popularizadas.

A Escola Estadual Epifânio Dória, localizada na Rua José Emídio dos Santos, no município de Poço Verde/Sergipe, é composta por 35 funcionários e 355 alunos. Princípios o projeto na escola com as duas únicas turmas do 8º ano, pois planejamos uma duração aproximada de



dois anos. Como funciona apenas o Ensino fundamental I e II na escola, tornou-se interessante trabalhar com alunos em fase de conclusão dessa etapa de ensino. A participação se deu de forma voluntária, totalizando quinze alunos.

Já no primeiro momento, percebemos um fascínio por parte dos alunos, em relação a instrumentos técnicos modernos. No entanto, alertamos todos quanto à necessidade de conhecermos outros tipos de potencialidades aplicadas ao estudo do espaço, tais como: textos, fotografias, depoimentos e até a própria observação.

Em conversas com os alunos, decidimos criar um Atlas de Poço Verde. Para isso, foi necessário garantir a participação e colaboração da comunidade escolar, uma vez que optamos por uma abordagem participativa-colaborativa. Em seguida, propusemos encontros com pais, gestores, professores da escola, professores convidados, comunidade escolar, além de encontros frequentes com os alunos. Os alunos se tornaram pesquisadores juniores por desenvolveram pesquisas sobre alguns espaços do município em que moram. Foram seis lugares pesquisados: Praça da Santa Cruz, Praça da Juventude, Feira Livre, Povoado Malhadinha, Bairro da Vaquejada e a Escola Estadual Epifânio Dória.

Para auxiliar os pesquisadores juniores foram planejados diversos encontros formativos, tais como: Produção Textual, Técnicas para pesquisas demográficas, Correio Eletrônico, História Oral, Curso Básico de Fotografias, entre outros. Convidamos professores internos e externos para ajudar no processo de formação desses jovens pesquisadores, os quais souberam agradecer a dedicação de cada profissional.

AS GEOTECNOLOGIAS E O ENTENDIMENTO DO LUGAR

As geotecnologias auxiliam o entendimento do lugar sob um olhar crítico, percebem as relações sociais e identificam os interesses dominantes implícitos e/ou explícitos. As geotecnologias potencializam também as práticas pedagógicas, não somente aos professores de Geografia nas aulas de expressões cartográficas, mas também para os demais interessados na compreensão do espaço e na relação da sociedade com a natureza. Ou seja, uma estratégia didática de aplicabilidade.

A mediação da expressão espacial de Poço Verde, potencializa aos pesquisadores juniores a participação efetiva na construção e sistematização do conhecimento local, cuja experiência possibilitará (re)pensar o lugar onde vivem. Nessa reflexão, sobre a cidade, o conceito de lugar se



fortalecerá, pois o reconhecimento do espaço é elemento fundamental para o entendimento do mundo.

Poço Verde é um município de Sergipe que está localizado na região semiárida do nordeste brasileiro. Com aproximadamente 24 mil habitantes, segundo a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE para 2014, o município tem sua economia baseada na agricultura, principalmente na produção de milho e feijão, e também no comércio e na indústria. Visando construir uma expressão mais condizente com os sentimentos dos poçovertenses, aqui representados pelos jovens pesquisadores, que o Atlas de Poço Verde se apresenta como possibilidade. É neste contexto que Brito (2013, p. 90-91) aponta para,

A necessidade, quase que emergencial, da sistematização do conhecimento local na produção de mapas, é contextualizada e localizada e, oferece subsídios interessantes para a análise da percepção espacial diferente da cartografia, comumente, produzida. Estes processos de mapeamento fornecem a possibilidade de comparação entre as várias maneiras em que as compreensões do mundo natural foram produzidas pelas diversas culturas, em diversos lugares, em tempos distintos. Estes mapeamentos se caracterizam como ações de resistência, de afirmação e validação dos conhecimentos locais. Os diferentes componentes do sistema de conhecimento local são interligados por meio de técnicas de visualização espacial, como mapas, modelos, diagramas e desenhos.

Sendo assim, os mapas produzidos de forma colaborativa-participativa com a comunidade, uma vez que esta possui conhecimentos específicos (saberes) do espaço expressado, promovem a interação entre o saber local e as técnicas aplicadas na construção do espaço.

É nessa perspectiva que a integração dos saberes e conhecimentos adquiridos pelos envolvidos nessa proposta, antes, durante e depois, contribui para um entendimento mais amplo do lugar e, conseqüentemente, do mundo. Reunir essas inteligências possibilita a construção coletiva do conhecimento. A inteligência coletiva visa mobilizar as competências, uma vez que é distribuída por parte e coordenada em tempo real. Contudo, a construção do conhecimento faz parte de um movimento global que se materializa nos lugares em diferentes tempos. Assim, deve-se afirmar que “[...] a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas [...]” (LÉVY, 1998, p. 29). Esse conceito de inteligência coletiva representa a vida em sociedade, pois o trabalho em conjunto não é apenas um modelo de vida e sim uma forma de compartilhar experiências.



Como deve ter ficado claro, a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente coletivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão “trabalhar em comum acordo” ou no sentido de “entendimento com o inimigo”. Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro. A inteligência coletiva examinada neste livro é um projeto global cujas dimensões étnicas e estéticas são tão importantes quanto os aspectos tecnológicos ou organizacionais. (LÉVY, 1998, p. 26).

Para o autor, as competências, o aprendizado recíproco e a inteligência coletiva são partes de uma indispensável instrumentação técnica, que resulta em um verdadeiro espaço do saber, que por sua vez, deve-se à velocidade de evolução das informações e à massa de pessoas convocadas a aprender e produzir novos conhecimentos.

As experiências vivenciadas pelos alunos expressam os lugares, antes vistos, apenas, como locais de convivência. À medida que os discentes mergulham nos seus lugares, lócus de pesquisa, potencializam seu entendimento sobre o espaço vivido. Perceber e conceber os espaços de Poço Verde faz parte da estratégia pedagógica para analisar as dinâmicas espaciais e entender que o lugar tem vários sentidos e, quase nunca, são compreendidos igualmente por diferentes pessoas.

Lefebvre (1974), utilizando-se do conceito de produção do espaço, sendo que este está interligado com o tempo, ou seja, é processual, defende que o espaço deve ser analisado por três dimensões: o percebido, o vivido e o concebido. O espaço percebido está ligado à percepção do sujeito em relação à paisagem e os elementos que a compõe, ou seja, a percepção acontece pelos sentidos. O espaço vivido significa o mundo experimentado (vivenciado) pela sociedade, isto é, o lugar das práticas cotidianas. O espaço concebido destina-se ao pensamento daquele que será o espaço percebido, pois o espaço somente será percebido, caso antes tenha sido concebido previamente em pensamento. Essas dimensões estão imbricadas na produção espacial, pois o espaço é inacabado e está ligado ao tempo.

O espaço vivido, de certa forma, torna-se fundamental para este projeto desenvolvido na escola, uma vez que é o espaço onde ocorrem as experiências e as relações cotidianas dos seres humanos, ou seja, o lugar. A vivência é elementar para que o sujeito construa essa relação com o espaço, pois na busca pela sobrevivência, este o transforma e ao mesmo tempo é transformado por ele.

Nesse contexto, pesquisar os lugares levando em consideração o que as pessoas pensam sobre ele, torna-se indispensável para um entendimento mais realista. A construção do Atlas oportuniza os pesquisadores juniores confrontarem as diferentes concepções sobre o espaço



pesquisado, motivando assim a busca pelo entendimento do lugar. Vale salientar que este entendimento nunca será pleno, entretanto, possuirá maior criticidade.

CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE POÇO VERDE

Como forma de inovação no Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, propusemos construir um Atlas de Poço Verde com o intuito de expressar o lugar sob a ótica dos alunos da Escola Estadual Epifânio Dória. No decorrer do tempo os participantes começaram a denominar o projeto de “Atlas” e assim passamos a reconhecê-lo. A todo o momento os integrantes deste grupo de pesquisa participaram não só da construção do Atlas, mas também de todo processo formativo. Ocorreram diversos encontros no GEOTEC, os quais foram denominados de fóruns, até definirmos a proposta de trabalho contendo método, objeto, objetivos, entre outras partes fundamentais para a concretização deste projeto.

As práticas inovadoras, defendidas pelo GEOTEC, são embasadas em princípios de colaboração e de implicação à gênese da inteligência coletiva escolar (HETKOWSKI, 2014). Neste caso, os participantes são compreendidos como sujeitos potenciais às transformações socioespaciais. Igualmente, as práticas inovadoras de ensino são percebidas pela participação e colaboração dos alunos, assim como da comunidade escolar.

Durante o ano de 2015, desenvolvemos diversas atividades na escola. Os encontros foram organizados de forma combinada com os sujeitos da pesquisa e com a gestão da escola. Sugerimos, inicialmente, fazer os encontros durante as quartas-feiras, mas nem sempre era possível, devido às outras atividades que os alunos eram submetidos na escola ou fora dela. O projeto não funciona somente nos encontros programados, mas a todo o momento.

No primeiro contato com os alunos discutimos sobre a organização dos encontros e posteriormente sobre o que de fato realizaríamos no projeto. Houve diversos questionamentos por parte dos estudantes sobre a elaboração do Atlas de Poço Verde, pois foi por esse motivo que estavam lá. Foi discutida também a utilização de programas de geoprocessamento para a construção dos mapas. Com isso, surgiram dúvidas quanto aos computadores da escola, já que estes estavam quebrados.

Após perceber que a construção do Atlas utilizando, apenas, programas de geoprocessamento, sem antes trabalhar e explorar o entendimento dos sujeitos sobre seus espaços vividos, não possibilitaria um olhar crítico do mundo, resolvemos investigar/pesquisar os lugares para depois expressá-los espacialmente. Assim, os alunos escolheram diferentes lugares do município de



Poço Verde para investigar. Alguns em equipes, outros em duplas e assim se dividiram de acordo com o relacionamento como os colegas e o lugar.

Entende-se assim, que pesquisar o lugar seria a melhor forma para a compreensão do mundo. O lugar, portanto, é a representação local do mundo, estando ele interferindo e sendo interferido pelas ações globais. Santos (2012, p. 161) defende que “Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar.” Logo, os alunos da Escola Estadual Epifânio Dória iriam compreender o mundo através de suas pesquisas locais, pois nelas estão reflexos sociais, econômicos, políticos e organizacionais do mundo.

Para reforçar a ideia de participação e colaboração do GEOTEC, utilizamos a produção audiovisual de um integrante do grupo como forma de apresentação do projeto aos alunos. O filme-documentário “Casulo”¹ faz parte de um acervo das diversas produções do projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio.

Tivemos a ideia de convidar os pais e responsáveis dos alunos para aproximarmos a escola, o projeto e a comunidade. É importante frisar que nem todos responsáveis acompanham seus tutelados na vida escolar, o que torna ainda mais necessário essa aproximação. Portanto, ao adotarmos o método de pesquisa participativa e colaborativa, entendemos que os pais e responsáveis possuem papéis indispensáveis neste processo, como afirma Borda (1988, p.60):

Apotencialidade da pesquisa participante está precisamente no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade. Este tipo de pesquisa modifica basicamente a estrutura acadêmica clássica, na medida em que reduz as diferenças entre objeto e sujeito de estudo. Ela induz os eruditos a descer das torres de marfim e a se sujeitarem ao juízo das comunidades em que vivem e trabalham, em vez de fazerem avaliações de doutores e catedráticos.

Baseamo-nos nas ideias desse autor, por entender que a comunidade escolar determinará os rumos das pesquisas, pois, não mais sendo utilizadas como objetos de estudo e sim como avaliadores, participantes e colaboradores. A comunidade escolar é extremamente importante para o avanço da escola. Não podemos mais pensar a escola como um órgão governamental que

¹ Casulo é o registro dos sentimentos de alunos da Educação Básica Pública acerca de experiências de pesquisa sobre o lugar, a cidade. Experiências que extrapolam as salas de aula e os muros da escola, dando outros sentidos aos processos formativos formais desses meninos e meninas da Escola Pública. Disponível em: <<http://www.casuloofilme.com.br/#!portfolio/cjg9>> Acesso em: 12 fev. 2016.



presta apenas mais um serviço público, é necessário inseri-la no processo de planejamento e execução desses serviços.

Com a comunidade escolar mais próxima do projeto, partimos para encontros formativos fundamentais para os novos pesquisadores. Estudamos como pesquisar, elaborar questionários e planejar entrevistas com o encontro “Técnicas para pesquisas demográficas” ministrada pelo Prof. Me. Daniel Ribeiro de Albuquerque. Essa experiência foi importante, pois possibilitou aos pesquisadores juniores praticarem o que seria aplicada em suas pesquisas.

Em outro momento, organizamos o encontro “Produção Textual” com o objetivo de abordarmos as estruturas textuais, formas de escrita, uso da norma culta, entre outros. É importante salientar que o encontro realizado pela Prof^a Esp. Kathiúscia Santos Ribeiro, professora de Língua Portuguesa da escola. Esse encontro foi pensando pela resistência e/ou dificuldade ao ato de escrever apresentada pelos jovens pesquisadores. Podemos afirmar a falta de leitura como uma das principais causas das dificuldades encontradas por esses alunos. Ora, se para escrever é necessário ler, então o ato de não escrever é resultante da pouca prática de leitura.

Os encontros formativos deram perspectivas de escrita os pesquisadores juniores que logo apresentaram suas primeiras impressões sobre os lugares pesquisados. Com isso, propomos a elaboração do projeto de pesquisa deles como forma de organização e plano de metas. Foi escrito assim, uma introdução, os objetivos e o método da pesquisa. A elaboração desse projeto os possibilitou a inscrição em eventos, como foi o caso do III Encontro de pesquisadores do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, realizado no município de Valença, na Bahia, em dezembro do ano de 2015. Além disso, os pesquisadores juniores apresentaram suas propostas na III Feira Cultural da Escola Estadual Epifânio Dória. As apresentações foram feitas através de banners construídos pelos próprios estudantes, contendo o projeto de pesquisa e fotografias dos lugares pesquisados.

Essas duas experiências de apresentação e a viagem foram determinantes para que os alunos se afirmassem como pesquisadores e continuassem suas pesquisas. No ano seguinte, desenvolvemos mais encontros formativos e intensificamos nosso trabalho nas pesquisas. Nesse ínterim, a construção do Atlas foi ganhando mais atenção de todos, inclusive de populares do município que cada vez mais queriam contribuir com as pesquisas.

A intensidade dos encontros possibilitou maior aproximação com os pesquisadores juniores e estimulou a interação entre eles, bem como a imersão ao projeto do Atlas. É importante notar



que muitos encontros ocorreram para tirar dúvidas, esclarecer questionamentos, acompanhar os pesquisadores em investigações *in loco*, entre outras atividades.

Vale salientar que no primeiro fórum do GEOTEC, após o evento na cidade de Valença, ainda em 2015, foi apresentada por diversos integrantes do grupo a satisfação pela participação dos jovens pesquisadores de Sergipe. Parabenizaram o comprometimento, tanto dos pesquisadores quanto dos professores e responsáveis que os acompanharam. Salientaram a maturidade dos adolescentes nas apresentações dos banners, do comportamento cortês na instituição e outros aspectos positivos. Esse reconhecimento serviu para perceber como o GEOTEC se compromete com seus integrantes e suas pesquisas, aponto de estarem atentos a todos os processos da produção científica.

Destacamos em 2016 dois encontros formativos: “História Oral e Memória” e o “Curso Básico de Fotografias”, pelo fato de que as pesquisas tomavam viés acadêmico. Cada vez mais as pesquisas eram enriquecidas por relatos e fotografias que expressavam o entendimento do lugar por parte dos entrevistados e, conseqüentemente, dos pesquisadores juniores.

Após apresentarem suas propostas de pesquisas em eventos, os pesquisadores juniores estavam bastante apreensivos para saber como trabalhar as informações colhidas em campo. Assim, algumas perguntas foram feitas ao colaborador Prof^o Auremi Rabelo Leal, professor de História da escola. “O que vamos fazer nesse projeto?”, “Como vou saber da história do lugar que pesquiso se não existem livros que falem sobre ela?”, “Vou ter que entrevistar as pessoas do bairro para saber o que elas sabem sobre ele, é isso?”. A segunda pergunta chamou a atenção do colaborador que logo deu princípio à discussão explanando sobre a importância dessas pesquisas feitas pelos estudantes, pois serão elas que, futuramente, servirão de dados para outras pesquisas do local.

Identificamos que os jovens pesquisadores, em geral, tiveram dificuldade na compreensão de alguns conceitos abordados, tais como, História Oral e Memória, porém externaram a compreensão da importância desses conhecimentos e saberes nas pesquisas. A memória e, conseqüentemente, a História Oral, fizeram parte das pesquisas não somente pelo fato do município de Poço Verde possuir poucas bases de dados, mas também por reconhecer a importância dos conhecimentos e saberes da população local. Pesquisando os lugares escolhidos, os pesquisadores juniores perceberam que os moradores desses locais continham informações relevantes sobre a história do espaço. Godoi (1999, p.15) ao estudar um grupo de camponeses no sertão do Piauí, afirma que a memória: “[...] passa a atuar como criadora de solidariedade,



produtora de identidade e portadora de imaginário, erigindo regras de pertencimento e exclusão que delimitam as fronteiras sociais do grupo.”

A autora faz essa afirmação por perceber que a memória dos camponeses é o “fio condutor” para se chegar à história da ocupação de suas terras. Nesse contexto, a memória dos cidadãos poçoverdenses se configura na história dos lugares que, por conseguinte, são expressas oralmente por esses sujeitos.

O sujeito, portanto, torna-se peça fundamental das histórias, pois ele é a parte que vivencia e experimenta os acontecimentos. Vale salientar que cada corpo guarda histórias singulares (MACEDO, 2015) e que devem, assim, ser compreendidas pelos pesquisadores. Cada sujeito possui uma versão dos fatos, sendo esta construída através das experiências daquilo que lhe despertou a atenção. Portanto, memória e lugar são percepções e vivências experienciadas pelo sujeito, ou seja, singularmente.

Elaboramos um encontro sobre Técnicas de Fotografias, pois percebemos que os alunos em geral, não somente do projeto e sim da escola, registram momentos e lugares sem alguns cuidados necessários. Trabalhos escolares que envolvem fotografias demonstram a falta de cautela que boa parte dos estudantes possui nos registros. Imagens desfocadas, escuras, com o objeto central fora de enquadramento, assim como outros erros são comuns nos trabalhos escolares. Por se tratar de pesquisas que envolvem o registro fotográfico dos lugares, resolvemos elaborar esse momento de discussão.

O então Prof. Esp. Murilo Aguiar de Souza, professor de Geografia e um dos autores deste artigo, começou o encontro abordando o processo histórico de surgimento da fotografia, posteriormente apontamos as principais funções da máquina fotográfica digital, assim como as técnicas de enquadramento. Após a abordagem teórica partimos para a prática. Elaboramos uma atividade para explorar o potencial da garotada: “A escola vista por outro ângulo”, título da atividade, visou explorar o poder criativo nos registros fotográficos. Os participantes dividiram-se em grupos e tiveram 30 minutos para registrar a escola por diferentes ângulos.

As fotografias também podem ser vistas como elementos de linguagem, pois estas expressam o conhecimento de quem as produziu, agrupando-se com as experiências de quem as vê ou utiliza (SAMIELLI, 2010). A linguagem pode ser interpretada, também, pelo o que a imagem representa material ou imaterialmente (BRITO, 2013), pois a porção do espaço registrado nas fotografias apresentam relações com os sujeitos que participaram do seu registro e da sua



utilização. Esse encontro foi bastante elogiado pelos participantes, pois os mesmos afirmaram que a partir daquele momento passariam a ser mais atenciosos no registro fotográfico.

As pesquisas dos alunos, cada vez mais, iriam ganhando formato textual e se tornando verdadeiras expressões espaciais. Deve-se esclarecer que a construção do Atlas de Poço Verde foi orientada pelo GEOTEC, acompanhando o desenvolvimento das pesquisas nos estabelecimentos de ensino. Foi o caso do encontro formativo desenvolvido pela Prof^a Me. Kátia Soane Araújo, coordenadora do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, que na oportunidade organizou um encontro formativo com todos os envolvidos na escola de Poço Verde. O propósito da visita foi conhecer de perto a escola e como o projeto era desenvolvido no local. Já o encontro teve como objetivo, segundo a professora, difundir os pressupostos teóricos e metodológicos do GEOTEC entre os pesquisadores juniores, ressaltando os aspectos da Educação Científica.

Todos os pesquisadores juniores tiveram que responder questionários que correspondiam ao entendimento do projeto, assim como suas ações. Foi uma excelente oportunidade de discussão a respeito da pesquisa e do “ser pesquisador”. Portanto, o encontro se tornou, também, mais um momento em que a escola se envolveu com o projeto, já que a professora Kátia Soane conheceu nosso espaço de trabalho (lugar) e os outros professores e funcionários da escola.

No final do ano de 2016 apresentamos trabalhos em dois grandes eventos: IV Encontro de pesquisadores do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio e I Mostra Científica e Cultural do Ensino Médio, sendo nesse último evento contemplado com a premiação de terceira melhor pesquisa desenvolvida por alunos da Rede Estadual de Ensino de Sergipe naquele ano. Entre um evento e outro concluímos a construção do Atlas.

O Atlas de Poço Verde é composto pelos textos dos pesquisadores, fotografias e mapas. Utilizamos o editor Microsoft Publisher para essa construção por ser um editor fácil de manusear e bastante utilizado na criação de revistas, impressos e jornais no meio acadêmico. Com a expressão espacial construída pelos pesquisadores juniores, propusemos o lançamento do Atlas de Poço Verde na escola como mais uma forma de integrar o projeto à comunidade escolar.

No dia do lançamento, montamos na entrada da escola um varal de fotografias dos lugares pesquisados, encontros formativos, viagens, entre outros momentos, para que todos pudessem apreciar nossa forma de expressar os espaços. Esse varal foi muito explorado por todos que ali passavam, tornando-se atividade interativa e introdutória do lançamento. Em seguida fizemos a apresentação do Atlas no pátio da escola para todos os alunos, professores e funcionários.



Com a construção do Atlas finalizada, podemos perceber que o importante desse projeto foi o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido por esse grupo de pesquisa, tem permitido uma aproximação entre a universidade (ensino superior) e as escolas públicas (ensino básico e técnico) e gerando trocas de experiências. A ideia de que a escola e os alunos são objetos de estudos são descartadas, pois tanto as universidades quanto as escolas aprendem e apreendem através das práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As geotecnologias e suas potencialidades mediaram o entendimento do espaço/lugar por parte dos pesquisadores juniores, uma vez que as impressões contidas no Atlas refletem a compreensão espacial. Os alunos demonstraram perceber o que estavam à sua volta: as relações sociais, a arte, os sentimentos, entre outros objetos e ações desenvolvidas pela sociedade.

As geotecnologias foram exploradas desde o planejamento até as práticas de ensino, tornando esta inovadora. As potencialidades das geotecnologias são imensuráveis. O dinamismo toma conta das práticas de ensino de tal forma que os resultados extrapolaram as projeções.

Sendo assim, evidencia-se que o GEOTEC, consegue criar alternativas para contrapor a forma rotineira de trabalhar em sala de aula. As inovações são aceitas no ambiente escolar e suas práticas são alinhadas com a realidade de cada escola. Pesquisas aplicadas e de engajamento desenvolvidas pelos pesquisadores deste grupo de pesquisa corroboram com as inovações, resultando em experiências e, conseqüentemente, reflexões sobre os rumos da educação.

Neste sentido, podemos afirmar que a construção do Atlas de Poço Verde foi alicerçada nas práticas inovadoras de ensino mediadas pelas geotecnologias. Na construção do Atlas compreendemos que para expressar o espaço foi necessário antes entendê-lo. Entender o lugar é compreender o mundo, pois tanto os fragmentos quanto a totalidade desenharam um espaço cada vez mais globalizado. Sendo assim, o espaço vivido torna-se ponto de partida para a compreensão de espaços outros.



REFERÊNCIAS

BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. Pesquisa participante. In: **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRITO, F. Análise crítica da cartografia: potencialidades do uso de mapas na contemporaneidade. 2013. 130 p. **Tese** (Doutorado) Universidade do Estado da Bahia. Doutorado em Educação e Contemporaneidade, UNEB, Salvador, 2013.

GODOI, E. **O trabalho da memória**: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

HETKOWSKI, T. Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações? In: XV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 2010, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

_____. PodCasting e rádio convencional: resgatando a memória da cidade de Salvador (BA). In: x Congresso Nacional de Educação (EDUCERE) e I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação (SIRSSE), 2011, Curitiba. Anais... Curitiba, PR: PUC, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=280550>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Tradução de Dora Lize Barros Pereira e Sergio Martins. 4º Ed. Paris: Editions Anthropos, 2000.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MACEDO, R. **Pesquisar a experiência**: compreender/mediar saberes experienciais. 1º Ed. Curitiba: CRV, 2015.

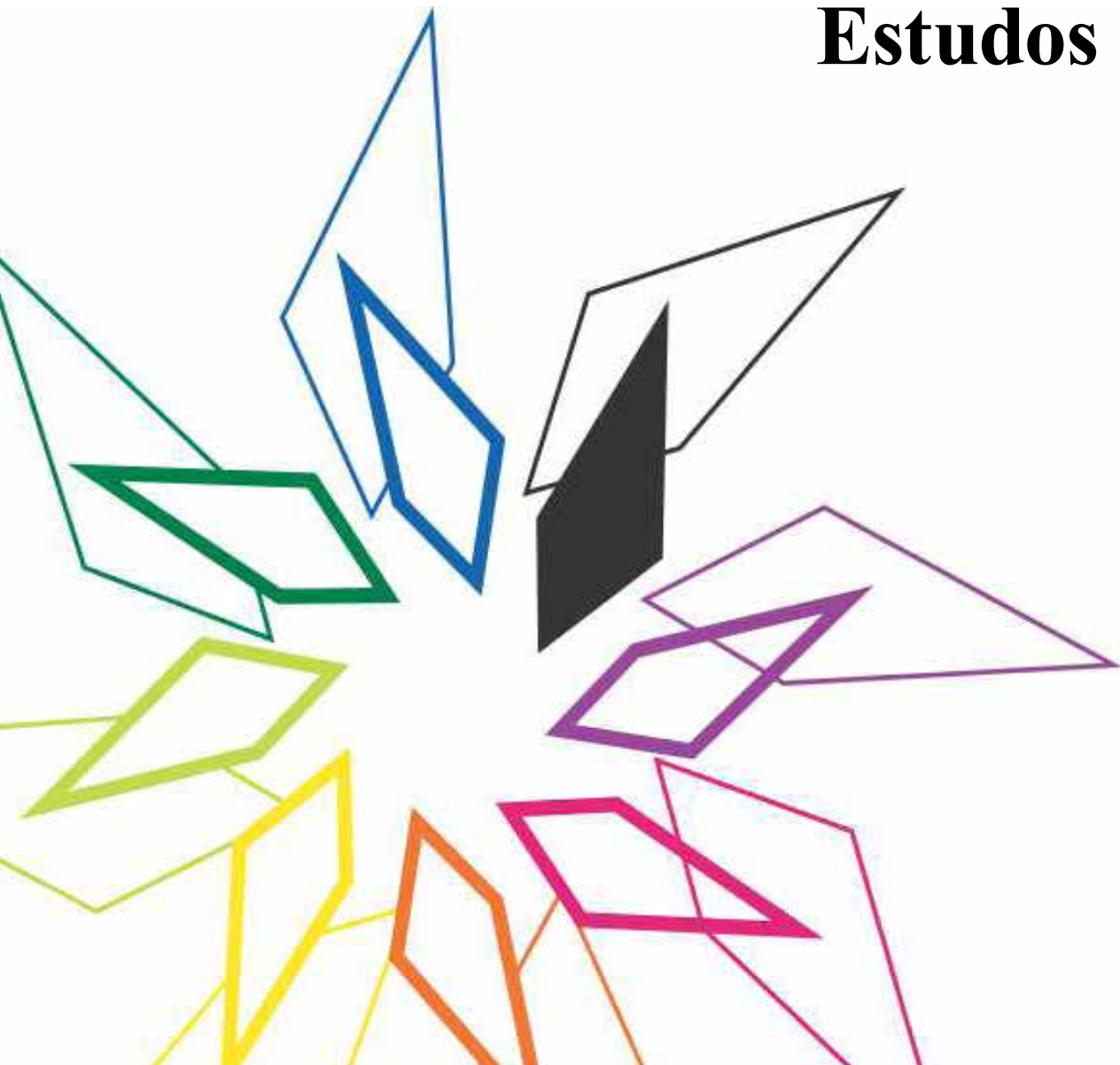
SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Da totalidade ao lugar**. 2reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SIMIELLI, M. O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. **Cartografia Escolar**. 2º Ed. São Paulo: Contexto, p71-93, 2010.



Estudos / Ensaaios



Carta en primera persona a Esmeraldo Lopes

VÍCTOR AMAR

Doutor e professor titular do Departamento de Didática da Universidade de Cádiz, Espanha. Diretor do Grupo de Pesquisa HUM 818 “Educom” pertencente ao plano andaluz de pesquisa da Junta de Andalucía, Espanha. E.mail: victor.amar@uca.es

Resumo

A carta é um procedimento antigo que nos permite comunicar. A carta tocou emoções da humanidade. Com ela, vamos narrar coisas que acontecem em nossas vidas, sendo uma maneira de mostrá-las. Nós escrevemos para o literário baiano Esmeraldo Lopes e fazemos um caminho de semelhanças com a Andaluzia, Espanha. Será nossa maneira particular de dizer que devemos nos conhecer para não ter preconceitos e não ser colocados em pacotes obsoletos que outros comandam. Não deixe as palavras serem levadas pelo vento. Deixe-os por escrito para poder compartilhá-los com pessoas que desejam saber. Nós também somos sujeitos epistemologicamente nutridos.

Palavra chaves: carta, literatura, Sertão, conhecimento



Abstract

The letter is an ancient procedure that allows us to communicate. The letter touched the emotions of mankind. With it, we are going to narrate things that happen in our lives, being a way of showing them. We write for the Bahia literary Esmeraldo Lopes and we make a path of similarities with Andalusia, Spain. It will be our particular way of saying that we must know ourselves in order not to have prejudices and not be placed in obsolete packages that others command. Do not let words be carried away by the wind. Leave them in writing so you can share them with people who want to know. We are also epistemologically nurtured subjects.

Key words: letter, literature, Sertão, knowledge

Carta en primera persona a Esmeraldo Lopes

«Seu Euzébio tinha toda a certeza:

“O céu existe, aqui mesmo nas caatingas”»

(Esmeraldo Lopes, cuento “A craibeira celestial”)

Posiblemente, existan imágenes coincidentes entre las voces literarias de Antonio Machado y Esmeraldo Lopes. Sin embargo, no se trata de convertir el presente texto en un ejercicio comparado; tan solo, proponemos un pretexto para iniciarnos en esta forma de escritura: la carta. En este sentido, pongamos unas apreciaciones genéricas para empezar en esta andadura epistolar.

Los dos aman sus territorios de pertenencia, los dos hablan en voz alta de lo que los mueven y conmueven, además de que los dos se expresan a través de sus personajes, unos en claves de melancolía y otros a través del paso del tiempo. Los recuerdos invaden sus espacios literarios y una fuerte simbología emana entre los cuatro elementos que dimensionan su proceder: aire, agua, fuego y tierra. Es decir, manifiestan su manera de explicar los patrones de la naturaleza donde cohabitan caminos, sentimientos y cuerpos. Machado dice

Si dudamos de la apariencia del mundo y pensamos que es ella el velo de Laya que nos oculta la realidad absoluta, de poco podría servirnos que el tal velo se rasgase para mostrarnos aquella absoluta realidad. Porque ¿quién nos aseguraría que la realidad descubierta no era otro velo, destinado a rasgarse a su vez y a descubrirnos otro y otro? (MACHADO, 1995, p.307).



Mientras que Lopes se refiere a

Caatinga ... Não se sabe se foram as caatingueiras, por nesse espaço existirem em abundância por todos os lugares, ou se foi o compacto acinzentado do mato no tempo de seca que lhe deu o nome. E o significado indígena do nome: mata acinzentada. O emprego do termo caatinga expressa uma ideia de homogeneidade e é utilizado para designar um tipo específico de paisagem, mais que paisagem, bioma exclusivo do Nordeste brasileiro. Essa ideia de homogeneidade delinea-se pela existência de alguns espécimes comuns à vegetação, assim como pelas características gerais do solo, do índice pluviométrico, da temperatura (LOPES, 2012, p.15).

Los dos describen sus paisajes con las rugosidades del que tiene piel sentida. La aridez y la austeridad de una Castilla ancha, o bien de un territorio extenso que invita a conocer y aprender pero, igualmente, a reflexionar y analizarlo en su justa medida. Literatura de retrato o mejor dicho de reflejo sobre un espejo y no un espejismo. Sincera y noble, sea en sus poemas (del uno) o en el cuento (del otro), en sus conversaciones (del poeta) o documentos escritos (por el narrador).

En otro ámbito de cosas, la figura literaria de Esmeraldo Lopes, sinceramente, no es muy conocida en los currícula de España. La literatura marca carácter entre los que se acercan a ella. Leer es una satisfacción que permite atravesar océanos, vivir experiencias en otras épocas, adoptar cuerpos que no nos pertenecen, pensar en otras mentes, sentir lo que nuestro protagonista siente; o bien, morir de amor o de nostalgia. La literatura es una opción; es, sinceramente, un privilegio que permite ser lo que no se es. E, inclusive, te hace tener alforjas repletas de visados a otros lares y, en ocasiones, te permite sentir deseos prohibidos.

La literatura te habilita para soñar despierto. Te posibilita vagar entre las letras y voces de escritores y personajes y dar a cada uno su merecido. Sin literatura, ¿usted podría vivir? O dicho de otra forma ¿por qué privarnos de ello? Mientras que la carta es un vehículo de comunicación. Se puede tornar seductora o elegante, puede adquirir un tono solemne o puede llevarnos a equívoco. La carta es un móvil aliado de un hecho narrativo que permite expresarnos con los demás. Sin la posibilidad de una carta ¿cuántas historias de amor o, igualmente, de admiración se hubiesen diluidos sin más?

En efecto, en nuestro caso, ni lo cuestionamos. Somos frutos y herederos de la literatura. Pero, asimismo, de una necesidad que nos surge y no podemos o sabemos cómo controlar. La de compartir unas emociones a través de una carta abierta y escrita en primera persona. El destinatario es la persona de Esmeraldo Lopes; el narratario aquella red de lectoras y lectores



que se acerquen a la llamada de la curiosidad por saber qué se dice o el por qué se osa a rasgar la fina cortina de la intimidad de un emisor bien intencionado que se comunica con una red de receptores imaginados.

El acercarse a una realidad (sea del tipo que sea) precisa en primer lugar de un pretexto, luego de una motivación para, más tarde, convertirse en un incentivo. No vale con una aproximación vaga que se diluye, tal vez, eso sea fascinación. Lo que (me) sucedió al leer la obra de Esmeraldo Lopes, sobre todos sus cuentos, fue una aproximación afectiva a unas realidades que me fascinan. En este sentido, me considero muy machadiano, pues (me) gusta amar los territorios y no tienen porque ser exclusivamente geográficos, también, los considero en el ámbito de la existencia literaria, fruto de la inventiva o el resultado de un devenir vital. Pues bien, las imágenes que se proyectan en la literatura de Esmeraldo Lopes tienen un hábitat de referencia: el Sertão, la Caatinga y, en definitiva, el Nordeste. Tal vez, dé igual... pero no es lo mismo, pues una vez que estuve en esa tierra comencé a comprender que existen variantes sobre aquella existencia territorial. El Sertão es un espacio, la Caatinga un sentir y el Nordeste una distribución geopolítica. Pero se aglutinan y se complementan irreversiblemente.

Del camino que llamamos método

La opción de hacer viable un trabajo de investigación con un resultado de escrito personal, que nosotros llamamos carta abierta, se vehicula sobre un proceder: la epistolografía. Un ejercicio de recreación más allá de lo literario pues las venas se abren y los ojos lloran, emocionados, lágrimas con sangre. No es rasgarse las vestiduras sino, más bien, da pie a un yo que se establece entre la escritura subjetiva y las confesiones de un sentir. Sujetos al deseo de compartir, nuestra carta se enmarcaría dentro de las cartas reales llevados por una intención antropológica (Bockmeier, 2001). No hay peticiones expresas sino comparaciones que evidencian cuestiones que desde el momento en que el lector las lee conforman partes de todos.

Un referente del pasado se erige como baluarte de nuestro obrar contemporáneo. Se trata del proceder humanístico inspirado en la figura literaria de Francesco Petrarca. En nuestro caso, de loas personales evolucionamos a un escenario variante y mutante que de seco se pasa a llamarse seca y el espino se queda inmerso en un hábitat limitado y delimitado. Y quien lo conoce, por ejemplo, cantándole según Luiz Gonzaga en “Luar do Sertão”, produce emociones o sensaciones de agrado,

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão



Oh! que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão

Ahora el sujeto epistemológico es el que narra, dejando de ser considerado subnutrido. Las impresiones y emociones son del emisor. E, igualmente, el texto se adecúa al carácter afectivo y efectivo de las palabras. Mientras que la retórica se articula a través del recurso de la personificación. Con todo, destacaríamos la selección de la temática en apariencia comparada; ahora bien, donde no se establecen rangos ni niveles. Los algoritmos son sustituidos por las letras que expresan sentimientos y lo cualitativo se apodera del proceso investigativo. Se narran sentimientos y se hace un llamamiento a los sentidos. Analizar y comprender una realidad, gracias a una carta, para despejar incógnitas y prejuicios.

No se trata de una ejercicio de escritura neutral (Barthes, 2002), pues escribiendo te apropias de una parte del tiempo del otro, influyes en su imaginario y generas un itinerario para la formulación de la subjetividad (Petit, 2001). Un ejercicio literario compartido, entre él (Esmeralo Lopes), con ustedes (red de receptores) y un yo (sujeto que narra)... superándose el principio de comparado. Con una escritura cualitativa que lo que pretende es dar a comprender y callar aquellas zozobras que animan a seguir indagando a través de un relato contado en primera persona, donde (me) visibilizo y no quedo ausente o (me) autoexcluyo. Sin género de dudas, suscribo de puño y letra lo que a continuación de enuncia.

Estimado muy señor mío

Yo nací en el sur de España, usted en el seno del Sertão. Yo muy cerquita de África, usted en un lugar muy próximo al río San Francisco. Yo me crié en una península (algo que no es una isla ni es territorio continental pues se trata de una lengua estrecha que une ínsula e istmo), y usted cerca de islas fluviales que son sumamente hermosas. Yo tengo una gran predilección por el flamenco y usted creció rodeado del forro. Yo nunca he ocultado mi inclinación por la vida y obra de Federico García Lorca o Antonio Machado, y estoy convencido que usted leyó las obras maestras de Graciliano Ramos o Euclides da Cunha. Yo soy andaluz, del sur de la península ibérica. Y usted del nordeste brasileño. Yo fui creciendo en un habla muy particular, lleno de cubanismo y de palabras locales, usted con su propia “fala” de la región (que reconozco hay algunas que me constaron entender en sus textos).



Pero además, nosotros tenemos fiestas religiosas de gran seguimiento popular, como el Rocío, y ustedes tienen, por ejemplo, la romería del Padre Cícero. Nosotros tenemos la emigración a Barcelona, y ustedes a São Paulo. Nosotros tenemos nuestro particular río Nilo, aquí los romanos lo llamaron Betis y, luego, los árabes lo renombraron como Guadalquivir o río grande. Ustedes tienen su arteria sarteneja, es decir, el río San Francisco. Nosotros tenemos la cultura del toro, con plazas para espectáculos como la maestranza de Sevilla, ustedes cuentan con las vaquejadas como, por ejemplo, las de Surubim. Nuestra región, Andalucía, contó con un gran pedagogo, en tiempos atrás; él se llamó Gines de los Ríos, ustedes en el vecino Pernambuco tuvieron a Paulo Freire. Nosotros tenemos un tipo de sombrero muy particular, de ala ancha para, me supongo, cuidarnos del sol y ustedes el chapeu sertanejo de cuero de fácil identificación regional.

Asimismo, nosotros tenemos nuestro particular urubú, le llamamos buitre, también tenemos una especie de gallina, llamada andaluza y ustedes la caipira, además de una variedad de ganado con sabrosas carnes, que conocemos como retinta. Nosotros tenemos un símbolo a manera de árbol, que podría ser el pino piñonero (*Pinus pinea*) y, curiosamente, ustedes la Caatinga; ambas con sus olores y colores tan particulares; digamos que el pino es verde y la Caatinga palabra que en honor a la verdad procede de una lengua indígena... (del tupí: “bosque blanco”, kaa = bosque, tंगा = blanco). Y, curiosamente, nuestra bandera es verde, blanca y verde. Además, a lo que nosotros nos referimos como cortijo, ustedes le llaman fazenda, y al señorito propietario de las tierras ustedes se refieren a él como el fazendeiro; el vaqueiro es el vaquero y nuestro bandolero es para ustedes el cangaceiro.

Pero ahí no acaban las similitudes entre su tierra y la mía. He pensado en los mitos universales que compartimos. Usted recordará al de Carmen; yo el de María Bonita; y si le pongo nombre en masculino seguro que sería en mi contexto el de un supuesto Curro Jiménez y el suyo lo llamaríamos Lampião. Le suena de algo un tal Paco de Lucía, tal vez, igual que a mí un músico llamado Gonzaga. Y que me dice del buzo; me imagino que sabes que en la provincia de Cádiz, en plena sierra, en un pueblo pequeño, hay algo muy parecido que se llama la gaita gastoreña; para llamar a los animales y reconducirlo entre maleza y nocturnidad.

Solo he podido aproximarme a usted desde la similitud de los entornos donde hemos nacido. Quizás, sea interpretado como un juego de acercamiento, es decir, por afinidad. Recuerdo que una de las primeras palabras que mis hijos aprendieron en portugués del Brasil fue “brincar”. Y, casualmente, la aprendieron a muy pocos kilómetros de donde usted es. En Jacobina. Y de brincar hacemos una “brincadeira” evocativa y visual, además de literaria y narrativa a partir de sus cuentos. Lógicamente, de algunos de ellos, y se los pasaré a decir; estos son: “Urubú



encomendado”, “O canto”, “Desencanto”, “O rei sem trono”, “A mulher que virou alma”, “O canto do emigrante”... Y, sobre todo, recordar su texto “Imagens e problemáticas da Caatinga”.

Parte de lo que aprendí sobre la Caantiga, lo adquirí en blanco y negro. Es decir, a través de las películas; pero, fundamentalmente, estas fueron dos “Mandacaru vermelho” (1961) del paulista Nelson Pereira dos Santos y “Deus e o diabo na terra do sol” (1964) de bahiano Glauber Rocha. Y, más tarde, le tuve que poner color a mi imaginación con las lecturas de autores como José de Alencar y Graciliano Ramos. La realidad del Sertão me acompañaba y para comprenderla un poco mejor, de nuevo, la comparo. Dicen que las comparaciones son odiosas... pero en mi caso y en este instante, me son útiles.

Pongamos el caso del cine de temática sertaneja y póngale imágenes a partir de estas palabras del catedrático de literatura de la Universidad de Sevilla, Jorge Urrutia (1984), y seguro que volvemos a coincidir en las muchas similitudes que existen entre ustedes y nosotros.

Se crea un género cinematográfico que nunca llegó a dar un film de calidad: la andaluzada. (...) determinada visión de Andalucía se convierte en símbolo de España toda. Es la Andalucía de pandereta y castañuela, del baile y del cante, del señorito calavera y bonachón y el bracero respetuoso, alegre y resignado, de la señora distante pero caritativa y la joven humilde pero encantadora. También la Andalucía divertida y religiosa, locuaz y sensitiva. La Andalucía que es modelo de un mundo que se supone bien y cristianamente hecho. Esta Andalucía es la que se quiere para toda España y ésta será la imagen exportable. (Urrutia 1984, p.28)

Estoy seguro que se ha sentido identificado. Que ha experimentado lo mismo que nosotros sentimos cuando vemos estas películas. Probablemente pues hablamos en clave de los perdedores. No del perdedor en el sentido de carentes sino de aquel que sabe que aún perteneciéndole algo no se le ha hecho justicia. Nosotros, los andaluces, somos más que simples o bonachones, risueños o ingenuos. Tenemos nuestro carácter e identidad. Y, por ello, no quiere ser medido o etiquetado por otros. Somos más que eso y ustedes seguro que también, refiriéndome a aquellos que quieren que pensemos determinadas cuestiones sobre los nordestinos, de la gente del Sertão. ¿O no es verdad?

Siempre digo que en mi tierra, Cádiz, está en una encrucijada de caminos. Voy explicarme: A poco más de dos horas, en coche, está Portugal; que mucho tiene que ver con ustedes. A una hora está Marruecos, la puerta más occidental al mundo árabe. También a una hora se encuentra Gibraltar, un territorio que pertenece a Reino Unido; y la bandera que allí ondea es la británica. Frente a Cádiz en el corazón de la bahía está la base militar norteamericana de Rota y por todos lados España. Nosotros



somos los bahianos de España. Ya que, somos concretamente los bahianos de Cádiz (en nuestra habla se diría de Cai o Cadi).

Pero no se olvide, don Esmeraldo, que vivo en una Andalucía que mira a América, a nuestra América, a su América. De Cádiz salían los barcos cargados de emigrantes para el Caribe y también para Sudamérica. Por ejemplo, el Cabo de San Vicente, tenía su primera parada en Recife, para luego continuar para Salvador, Río de Janeiro, Santos, Montevideo y, por fin, Buenos Aires.

No quisiera cansarle con mis muchas anécdotas, tan solo concluir diciéndole que el Sertão no solo está en sus corazones, también en el de los andaluces. Debe ser algo invisible que se arraiga en los más desfavorecidos. No es un Estado (con mayúscula) sino con minúscula. Lo que la Real Academia de la Lengua Española identifica como una “Situación en que se encuentra alguien o algo, y en especial cada uno de sus sucesivos modos de ser o estar”¹. Es decir, lo interpreto como un estado anímico, de ser, de entender y de dar a comprender la vida. Y eso nos hace diferente a los demás, a los que nos juzgan sin conocernos ni valorarnos. Pertenece a un territorio con un patrimonio único, de suma singularidad, pues contamos con una importantísima pluralidad. Veamos: histórica (desde fenicios a cartagineses, desde romanos a griegos, desde visigodos a árabes), patrimonial (el conjunto de la Alhambra y el Albaicín), literaria (de Federico García Lorca a los hermanos Machado), gastronómica (la chebaquia árabe que se come en el ramadán, aquí se llama pestiño), religiosa (con la mezquita catedral de Córdoba) y personal (con rasgos raciales del al-andalus) y yo que sé cuántas cuestiones más (es la tierra del pintor Picasso o del músico Manuel de Falla, del escritor Rafael Alberti o del político Felipe González). Imagino que estará pensando lo mismo que yo... en la similitud a un lado y otro del Atlántico. No es nada nuevo... pero si al estrecho de Gibraltar entre Andalucía y el Magreb se le conoce como la calle de agua; porque no pensar que entre Andalucía y el Nordeste nos separa una larga avenida también de agua salada, lo que otros llaman el océano.

No tengo interés en cansarle, por ello, aprovecho para despedirme y decirle que debe existir una especie de tranSertão, uno donde usted reside y otro en el que yo estoy. Y me gustaría acabar con unas líneas de un profesor nordestino, Erenildo João Carlos, de João Pessoa, cuando dice en su blog “em uma cultura do sectarismo não há lugar para o diálogo”²; no permitamos el silencio, la omisión, el soslayo; pues peligran nuestras identidades o que los otros nos etiqueten malintencionadamente. No permitamos que las personas nos conozcan y reconozcan

1 <http://lema.rae.es/drae/?val=estado>

2 <http://paedagogiujmc.blogspot.com.br/>



exclusivamente por las cosas que nos separan y reivindicemos aquellas que tenemos en común. Pues como dijo en sus versos el poeta andaluz, Antonio Machado “lo que se ignora, se desprecia”. No lo permitamos jamás. Vayamos siempre a conocernos, reconocernos y respetarnos.

Atentamente. Víctor Amar

Conclusiones

Quizá el lector, amante de las letras y del sentir literario, desee o procure encontrar en estas líneas finales unas conclusiones que rematen y den por cerrado el presente discurso. En esta ocasión, no será así. No hay nada concluido, todo está por rescribirse. Deseamos abrir los ojos, la mente y el corazón de quienes nos lean. Pero siempre sugiriendo que las mejores enseñanzas son aquellas que se dirimen de corazón a corazón, más que las otras que solo se establecen de cabeza a cabeza, algo que nos hemos inspirado en el pensamiento del profesor estadounidense Howard G. Hendricks.

Dejar el discurso abierto permite adentrarse más en las posibles conclusiones... Dentro del marco de una investigación subjetiva (Ellis y Flaheerty, 1992). Y, en este sentido, concluir no ha de ser que algo llegue a quedar finiquitado. Lo presentamos como una opción por la que ese algo, el escrito en forma de carta, probablemente, ha finalizado, pues hay un límite formal. Pero, acabar o terminar, planteándolos tal como lo hemos presentado como verbos o acciones, no son sinónimo.

Con todo, conclusión lo interpretamos como una decisión, a sabiendas que pueden determinarse o establecerse explícitas consecuencias. Y lo que no queda cerrado da la impresión que no está rematado. No obstante, en el hecho de que el discurso esté en construcción enriquece más que entorpece. Y erige complicidades por descubrir y compartir.

En virtud a lo que estamos diciendo, Ni Antonio Machado o Ferderico García Lorca, en el contexto español. Ni Graciliano Ramos o José de Alencar, en el panorama brasileño han de ser objeto de comparación con la obra o vida de Esmeraldo Lopes. Han sido pretextos para empezar a hablar de unas realidades que (me) han motivado a escribir esta carta, con una intención: la de comunicar. Hemos intentado cuidar el lenguaje, decir lo que pensábamos y pensar lo que se dice. No tiene mayor trascendencia. De corte amable hemos pretendido organizar con relativa precisión lo que nos une más que lo que nos separa. Y esto si es fundamental Con un vocabulario accesible, lo que hemos dicho se hace evidente. No sé si le llegará al destinatario; pero este resultado quedará para ser compartido.



Que usted sea el lector activo que cualquier escritor desea, ha sido nuestra pretensión. Que su mirada entre las letras sea perspicaz y reconozca lo que hay que saber o lo que aún nos queda por inquirir, ha sido nuestra intención. La responsabilidad se apodera del procedimiento y la metodología es un propósito que nos hemos marcado para delimitar los límites inexcusables de un deambular por las tierras de unos y otros. No hay pertenencia sino nociones para merodear, cual enamorados, amantes o personas interesadas por compartir y seguir sabiendo. Sin olvidar que lo más importante es seguir conociéndonos y respetándonos, así como no permitir que los demás nos encasillen en gavetas que perturban y etiquetan.

Y, como no podría ser de otra manera, si una imagen vale más que mil palabras... que se establezca un posible diálogo entre ellas. Más que pretender concluir, todo continúa, fluye y confluye; para dejar de influir en cualquiera de sus acepciones. Vea y usted mismo compare e inicie/continúe su propio debate.

REFERENCIAS

- BARTHES, Roland. **Variaciones sobre la escritura**. Barcelona: Paidós, 2002.
- BOCKMEIER, Jens. **Narrative and identity. Studies in Anthropology, self and culture**. Amsterdam: John Benjamin's, 2001.
- ELLIS, Carolyn. y Michael.G. FLAHERTY (Eds.). **Investigating subjectivity: Research on lived experience**. Londres: Sage, 1992.
- LOPES, Esmeraldo. **Caatingueiros e Caatinga: agonia de uma cultura**. Maceió: Gráfica Grafipel, 2012.
- MACHADO, Antonio. **Juan de Mairena**. Madrid: Cátedra, 2015.
- PETIT, Michèle. **Lecturas: del espacio íntimo al espacio público**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- URRUTIA, Jorge. **Imago litterae: cine y literatura**. Sevilla: Alfar, 1984.



INCLUSÃO ESCOLAR: O DESAFIO DE UM NOVO PARADIGMA DE ESCOLA

JEANE RODELLA ASSUNÇÃO

Doutoranda em Ciências da Educação – UC. Servidora Pública da Prefeitura Municipal de Salvador/BA – SMED. Professora de Metodologia da Pesquisa Científica e Projetos dos cursos de Pós-graduação da Atualiza Cursos. Membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de Tecnologias Informacionais e Inclusão Sociodigital – LTI - Universidade Federal de Sergipe – UFS. janerodella@hotmail.com

RESUMO

O estudo aborda o processo de transição paradigmática da ciência moderna para a ciência pós-moderna. Buscou-se analisar a ressignificação da Educação Inclusiva na escola, caracterizar o paradigma dominante e emergente, identificar os paradigmas da institucionalização, descrever as tipologias de escola tradicional, integrativa e inclusiva. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica onde se se constituiu a análise da literatura publicada em livros, artigos de revistas impressas e eletrônicas. O estudo incluiu 17 referenciais indexados na base de dados: Scielo e Google acadêmico. A crise do paradigma aponta os contornos do paradigma emergente na perspectiva da efetiva inclusão escolar. Refere-se à Educação Inclusiva como um novo processo de produção e de apropriação do conhecimento e como uma nova forma de estar na relação.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Inclusão Escolar. Paradigma da Ciência.



Include School: the challenge of a new school paradigm

ABSTRACT

The study addresses the paradigmatic transition process from modern science to postmodern science. We sought to analyze the re-signification of Inclusive Education in the school, to characterize the dominant and emerging paradigm, to identify the paradigms of the institutionalization, to describe the typologies of traditional, integrative and inclusive school. It is a bibliographical research where the analysis of literature published in books, articles of printed and electronic magazines was constituted. The study included 17 references indexed in the database: Scielo and Google academic. The crisis of the paradigm points the contours of the emerging paradigm in the perspective of effective school inclusion. Refers to Inclusive Education as a new process of production and appropriation of knowledge and as a new way of being in the relationship.

Keywords: Inclusive Education: School inclusion: Paradigm of Science.

INCLUSÃO ESCOLAR: O DESAFIO DE UM NOVO PARADIGMA DE ESCOLA

A Constituição da República (1988), quando adota como princípio a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, compreendido como efetivação do objetivo republicano de “promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”, prevê uma sociedade com escolas abertas a todos, em qualquer etapa ou modalidade, bem como o acesso a níveis mais elevados de ensino.

O processo de inclusão, seja no sentido escolar ou noutro qualquer, é um movimento que não se refere exclusivamente às pessoas com deficiência. É um movimento social amplo, que tem ocorrido em diferentes lugares e em vários segmentos da sociedade. São movimentos que retomaram a luta pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.

Em nosso país, por exemplo, temos visto de diferentes maneiras a retomada desse movimento; o dos Sem Terra, o dos Negros, o dos Homossexuais, o dos Índios, o da Mulher, etc... Isto é, movimentos de diferentes grupos que se sentem prejudicados e excluídos dos benefícios da sociedade relacionados aos preceitos básicos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Não é por mero acaso que temos hoje uma Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Do ponto de vista escolar, ele significa educação de qualidade para todos, embora tenha sido assumido na Declaração de Salamanca, em 1994, como um ideal a ser perseguido para com as pessoas



com deficiência. Em nosso sistema educacional, ele pretende abranger muitas outras crianças que, embora não apresentem déficits orgânicos, são, muitas vezes, excluídas do processo de aprendizagem.

Este estudo se desenvolveu a partir da hipótese de que uma mudança paradigmática da ciência está em desenvolvimento. Nesse processo de mudança a Educação, no conjunto das ciências sociais, realiza um movimento de mudança do paradigma da segregação para o paradigma da inclusão.

O propósito era encontrar subsídios para a problematização do estudo: A Educação Inclusiva concretiza a manifestação de um novo processo de produção e apropriação do conhecimento e uma nova maneira de estar na relação?

O estudo refere à Educação a partir de um duplo eixo temático: o paradigma da Ciência e o paradigma da Educação Inclusiva. A compreensão do processo de mudança paradigmática, tendo presente sua importância para a produção e aquisição do conhecimento, poderá ser uma contribuição útil para a Educação Inclusiva. Útil na medida em que produzir subsídios que possam ser incorporados às práticas escolares e programas de formação de professores. A formação de professores é o lócus da nossa atenção posto que o professor seja a figura central na Educação Inclusiva e, uma vez “ciente e clarificado sobre as questões presentes na escola e, principalmente, na sala de aula, com suas rotinas, facilidades e dificuldades, encaminha necessidades de respostas e soluções para as situações com as quais se defronta” (BAUMEL, 2003, p.32). A formação de professores poderá repercutir na gestão educacional, no entendimento sobre a dinâmica social da sala de aula na Educação Inclusiva.

O percurso do estudo teve como objetivos analisar a resignificação da Educação Inclusiva na escola, caracterizar o paradigma dominante e emergente, identificar os paradigmas da institucionalização e descrever as tipologias de escola tradicional, integrativa e inclusiva.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica na qual constituiu a análise da literatura publicada em livros, artigos de revistas impressas e eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal da pesquisadora. O estudo incluiu 17 referenciais indexados na base de dados: Scielo e Google acadêmico. Entre os critérios de inclusão, constam artigos em português indexados como educação especial, escola, inclusão e paradigma. Dentre os critérios de exclusão estão as dissertações, teses, artigos em forma de apostilas, cartas e editoriais não disponíveis na íntegra.



3 DISCUSSÃO

3.1. Educação, escola e sujeito

Assume-se como pressuposto o paradigma da “escola para todos”. Todos deverão estar incluídos nas escolas regulares como sujeitos do processo educacional e não apenas colocados na “corrente principal” (MANTOAN, 1998). As aprendizagens necessárias à vida social devem ser apropriadas, por cada um e por todos os membros de uma sociedade que coexistam no mesmo momento histórico, em uma educação única, para todos. A deficiência que na concepção tradicional é um atributo da pessoa, numa visão social e histórica ela é construída a partir das relações que o ser humano, com suas irregularidades, estabelece com a sua cultura. “Os seres humanos são diferentes, pertencem a grupos variados, convivem e desenvolvem-se em culturas distintas”. São, então, diferentes de direito. “É o chamado direito à diferença; o direito de ser, sendo diferente” (FERREIRA e GUIMARÃES, 2003, p. 37).

Esta nova visão sobre igualdades e diferenças requer uma nova abordagem de educação, de escola e de sujeito. Hoje é necessário: Debater sobre diferenças, que se complementam em vez de se excluírem mutuamente é pensar a existência de “outro”. Outro que se apresenta como uma realidade que impõe, gradativamente, no dia-a-dia; outro concreto, com identidade, com história, com uma constituição afetivo-emocional própria (FERREIRA e GUIMARÃES, 2003, p. 41).

Na abordagem da Educação Inclusiva abordam-se concepções de autores brasileiros e estrangeiros. Santos (2001, p. 25) acredita que as diferentes épocas históricas foram dominadas por uma maneira particular de pensar, de fazer, de estar no mundo. Acredita-se que em outras épocas há divergência entre esses consensos. Épocas em que a confiança epistemológica dá lugar à dúvida: épocas de transição, e diz “penso que estamos em uma destas épocas”. E acrescenta que “esta transição reflete-se sempre nas formas de poder e nas formas de conhecimento”.

A forma mais ou menos hegemônica de pensar e fazer ciência, os valores e o conjunto de normas que filtram a realidade, caracteriza uma forma representacional da verdade, um paradigma.

3.1.1 O paradigma dominante

A ciência moderna firma sua base na revolução científica do Séc. XVI. O domínio do conhecimento era das ciências naturais. As ciências sociais passaram a compor um “modelo global de racionalidade científica” (SANTOS, 2003a, p. 21) a partir do Séc. XIX. Esse modelo de racionalidade científica reconhece como racional o conhecimento pautado rigorosamente em seus princípios epistemológicos e regras metodológicas. Isso vai constituir-lo um modelo totalitário.



O desvendamento da natureza se dá modo ativo, não contemplativo, com vistas a conhecer para dominar e controlar seus movimentos. O método científico quantifica, reduz a complexidade da variável. Conhecer significa dividir e classificar. Para o conhecimento científico os elementos da natureza podem ser demonstrados e relacionados em forma de lei a luz das regularidades aferidas. Com base nas leis a natureza a ciência pode determinar seu funcionamento, como uma máquina. Assim como foi possível descobrir leis da natureza, também seria possível descobrir leis da sociedade. Daí, o caráter empírico mecanicista assumido pelas ciências sociais.

3.1.2 A crise do paradigma dominante

A quebra na confiança epistemológica do paradigma dominante é produzida por uma pluralidade de fatores. O grande avanço que o conhecimento científico possibilitou é, paradoxalmente, um fator significativo nessa ruptura. A identificação das limitações, a insuficiência estrutural do paradigma científico construído pela modernidade iluminista foi possível graças ao grande avanço no conhecimento que ele próprio proporcionou.

A descoberta e a formulação de um conjunto de leis da natureza, um dos pilares que se assenta o modelo científico moderno, se deram “reconhece-se hoje, obriga a separações grosseiras entre os fenômenos, separações que, aliás, são sempre provisórias e precárias uma vez que a verificação da não interferência de certos fatores é sempre produto de um conhecimento imperfeito, por mais perfeito que seja”. (SANTOS, 2003a, p. 51). A lei tem caráter probabilístico, aproximativo, e, acima de tudo, realizam uma simplificação mutiladora da realidade que afastam a possibilidade de consideração de outros conhecimentos da realidade tão ou mais úteis para o ser humano, do que aqueles que ela enuncia. Dessa maneira sendo um conhecimento que não compartilha com muitos outros saberes acerca da realidade, o conhecimento científico da modernidade “é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza num autômato, ou, como diz Prigogine, num interlocutor terrivelmente estúpido” (SANTOS, 2003a p. 53).

O modelo científico instrumentalista do paradigma dominante fundado no rigor matemático “é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica um rigor que, ao objetivar os fenômenos, os objetualiza e os degrada, que, ao caracterizar os fenômenos, os caricaturiza” (SANTOS, 2003a, p. 17).

O conhecimento na perspectiva do paradigma científico dominante ganha em rigor, mas perde a possibilidade de compreensão do mundo e do valor humano nele contido. Essa crise, no entanto não joga a ciência no abismo nem as pessoas na desesperança de seu cotidiano. Ao contrário, prenuncia a chegada de um conhecimento como “uma aventura encantada” (SANTOS, 2003a, p. 58).



3.1.3 O paradigma emergente

Os contornos de um paradigma que se aproxima, só pode ser traçado por um exercício de especulação. Boaventura Santos (2003a) fala do “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”. Nessa concepção paradigmática o autor refere que:

Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem que ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente) (SANTOS, 2003a, p. 60).

Um conjunto de quatro teses explicita o paradigma proposto por Santos (2003a).

A. Todo conhecimento científico-natural é científico-social

Defende que a distinção entre ciência natural e ciência social não tem mais razão de existir. Os avanços da biologia e da física ao possibilitarem um melhor conhecimento das características da auto-organização, metabolismo e auto-reprodução hoje também encontrados nos sistemas pré-celulares das moléculas, questionam a distinção entre o orgânico e o inorgânico, entre o humano e o não humano. Conceitos de historicidade e de processo de liberdade, de autodeterminação e até de consciência antes reservados aos seres humanos, são empregados em teorias típicas da ciência natural. Afirma Santos (2003a, p. 62-3) que se começa hoje a “reconhecer uma dimensão psíquica na natureza, a ‘mente mais ampla’ de que fala Bateson, da qual a mente humana é apenas uma parte, uma mente imanente ao sistema social global e à ecologia planetária que alguns chamam Deus”.

No paradigma emergente o conhecimento tende a ser não dualista fundado na superação das dicotomias¹ tão presentes e fortes na ciência moderna. Essa relativa superação dicotômica poderá refletir-se também entre ciência natural e social. Essa relativa superação dicotômica poderá refletir-se também entre ciência natural e social.

B. Todo o conhecimento é local e total

Uma característica forte da ciência moderna é a especialização. O conhecimento é rigoroso quando restringe mais o objeto estudado. O rigor aumenta na medida que aumenta a divisão do

¹ No paradigma do conhecimento científico iluminista o cartesianismo é uma tônica: natureza/cultura; mente/corpo; certo/errado; falso/verdadeiro; bom/mau; normal/anormal.



objeto. Isso leva a uma excessiva divisão do conhecimento cujo efeito pode ser visto no domínio das ciências aplicadas: na medicina, a doença por partes; na educação, o aluno de diferentes modalidades de ensino; etc.

A ciência do paradigma emergente “incentiva os conceitos e as teorias desenvolvidos localmente a emigrarem para outros lugares cognitivos, de modo a poderem ser utilizados fora de seu contexto de origem” e também a pluralidade metodológica como forma de garantir o “conhecimento sobre as condições de possibilidade” (SANTOS, 2003a, SANTOS, 2003a p. 77).

Santos (2001, p. 18) lembra nessa tese seu compatriota poeta Miguel Torga para quem “o universal é o local sem paredes”. Substitui universal por global para dizer que o “global é o local sem paredes” e, portanto, o local deixou de ser apenas local.

C. Todo o conhecimento é autoconhecimento

A modernidade científica ao valorizar a objetividade, o rigor metodológico e não considerar os valores humanos consagrou o homem como sujeito epistêmico e o expulsou enquanto sujeito empírico. Essa distinção dicotômica entre sujeito/objeto, antes pacífica, já não o é. “O objeto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo conhecimento científico é autoconhecimento” (SANTOS, 2003a, SANTOS, 2003a p. 83).

A ciência moderna recebeu tal consagração que naturalizou a explicação da realidade pelas grandezas de espaço, tempo, número, matéria, a ponto de não mais podermos pensá-las como categorias convencionais, metafóricas. Hoje, afirma Santos (2003a), se fortalece a ideia de que nossas trajetórias de vida, nossos valores e crenças provam a existência de um conhecimento sem o qual seria impossível a compreensão da ciência científica. Este saber, no entanto, é clandestino, mal visto pela ciência moderna, mas reconhecível nos não ditos da nossa produção acadêmica.

O paradigma emergente alarga infinitamente a concepção de ciência. Admite um conhecimento compreensivo e íntimo. A dúvida, a incerteza, vista como limitação pela ciência moderna, é admitida por fundamental para conhecê-la o mundo “que mais do que controlado tem de ser contemplado” (SANTOS, 2003a p. 87). A produção do conhecimento no paradigma emergente é mais contemplativo, próximo da criação literária e artística.



4. Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum

O paradigma da ciência emergente, pós-moderna, reabilita o sendo comum expulso pela modernidade científica, por reconhecer nessa modalidade de conhecimento virtudes que podem enriquecer a nossa relação com o mundo. Diz Santos (2003a, p. 89) que,

O conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador, mas apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico.

Na ciência emergente o conhecimento científico precisará ser convertido em conhecimento do sendo comum traduzido em sabedoria de vida. Esta é a prudência da nossa aventura científica. “A prudência é a nossa insegurança” diz Santos (2003a, p. 91), “Tal como Descartes, no limiar da ciência moderna, exerceu a dúvida em vez de a sofrer, nós, no limiar da ciência pós-moderna, devemos exercer a insegurança em vez de a sofrer” (SANTOS, 2003a, p. 91).

3.2 A Educação Inclusiva

A sociedade nesta “Era Planetária” (MORIN, 2002), promove uma profunda revisão conceitual sobre, entre outras produções culturais, o conhecimento, a escola, o indivíduo e suas relações.

A escola é historicamente referida como a instituição social promotora da inclusão. De fato, o saber aprendido na escola foi um fator de inclusão social. A diferença com o momento atual é que a sociedade adquiriu uma nova configuração. Essa nova configuração, no dizer de Boneti (2000, p. 213), começa

“pela organização produtiva, [...] fazendo com que o conhecimento tecnológico tenha uma durabilidade limitada, determinando, como conseqüência, uma inevitável desqualificação dos sujeitos sociais de participação na esfera produtiva e de estabelecer relações socioculturais”.

Acompanhando as modificações ocorridas na organização produtiva, o Estado ajusta suas políticas, tendo como referencial a política econômica, com profunda repercussão sobre a vida do cidadão, como as garantias de emprego a assistência social, o acesso ao trabalho, a educação. Atribuiu-se à escola a responsabilidade desocializar os conhecimentos produzidos com todos os segmentos sociais. Para realizar sua função, duas questões se impõem à escola: uma delas



está relacionada com o atual momento político, econômico, social; a outra refere à concepção paradigmática utilizada na sua dinâmica de produção e transmissão do conhecimento (BONETI, 2000).

A nova ordem social mundial requer que a instituição escolar se reveja. A partir da ressignificação de seus paradigmas emerge a Educação Inclusiva.

A sociedade e, por extensão a escola, sempre tiveram dificuldades para distinguir diversidade e igualdade. Hoje, perante a evidência das diferenças individuais, grupais, sociais e culturais. Necessita-se admitir que existam as diferentes. Isto é, o nosso desenvolvimento como seres humanos, sociais e culturais, parte de pontos diferentes, realiza percursos diferentes e chega a diferentes pontos. Não será possível assegurar a igualdade se não tratar as pessoas de acordo com a sua diversidade. Não se pode atribuir à diferença qualquer justificativa para intervir sobre os direitos da pessoa. As chamadas “ações de discriminação positiva” (Santos, 2001), pautadas no pensamento liberal, se justificam apenas pela circunstancialidade.

Mencionado por Oliveira e Sgarbi (2002), Santos distingue os conceitos de exclusão sociocultural e de desigualdade. Para ele, na desigualdade o pertencer se dá pela integração subordinada, na exclusão o pertencer se dá pela exclusão pura e simples. A exclusão, ainda segundo o mesmo autor, é um processo histórico através do qual uma cultura, por via de um processo de verdade, estabelece limites de aceitação. A exclusão, desta forma, não é derivada da diferença, mas é uma construção social. O meio social cria os instrumentos para classificar os indivíduos como normais ou anormais. O conceito de normalidade e anormalidade se modifica circunstanciado pelo momento histórico.

Os paradigmas se modificam no decorrer da história das relações das sociedades com as pessoas deficientes. O paradigma da institucionalização fundamentava-se na ideia de que a pessoa deficiente estaria mais bem protegida e cuidada em ambiente segregado. Prática decorrente deste paradigma caracterizou-se pela criação e manutenção de Instituições Totais. O segundo paradigma, denominado de Serviços, assumiu concepções e ideias diferentes. Passou-se a considerar que a pessoa deficiente tem o direito à convivência social com as demais pessoas. Para isto tem que ser ajudada a se modificar, a se ajustar, vir a parecer e a se comportar de modo semelhante aos demais membros da sociedade.

Baseadas neste paradigma, um grande número de instituições, programas de intervenção que visam aprontar a pessoa diferente para o processo de integração social. O paradigma denominado Paradigma de Suportes. Fundamenta-se “no conhecimento sobre os ganhos em desenvolvimento



peçoal e social provenientes da convivência na diversidade, e sócio politicamente, no princípio da igualdade” (ARANHA, 2000, p. 4). Este paradigma aponta para a inclusão. Inclusão caracterizada como processo de garantia do acesso, imediato e contínuo, da pessoa deficiente ao espaço comum da vida em sociedade, independente do tipo e grau da deficiência.

Fonseca (2003) identifica três tipologias de escola: a Escola Tradicional, a Escola Integrativa e a Escola Inclusiva. A Escola Tradicional foi criada como escola universal, com o objetivo de reduzir as desigualdades, proporcionar igualdade de oportunidades e compensar diferenças econômicas e sociais. Progressivamente, foi se verificando que a escola não era uma redenção das desigualdades sociais, ela própria se tornou uma estrutura causadora de desigualdade. Parte do não reconhecimento da diferença como base hipotética para proporcionar um tratamento de igualdade, ela não foi estruturada para atender a diversidade.

A Escola Integrativa desenvolve-se no mesmo contexto da Escola Tradicional. Seguindo um modelo médico-psicológico, identificam-se alguns alunos que passam a ter um apoio específico que inclui adaptações curriculares, estratégias e tratamentos diferentes. Assim, tem dois tipos de alunos: aqueles que seguem o currículo principal e aqueles que, tendo deficiências ou necessidades educacionais especiais e estando integrados, têm legitimidade para seguirem caminhos mais ou menos alternativos. A Escola Integrativa ressalva da sua população alguns alunos que, por deficiência ou necessidade educacional especial, usufruem uma pedagogia diferenciada. A Escola Inclusiva é comumente apresentada como uma evolução da Escola Integrativa. Na verdade, ela não é uma evolução (RODRIGUES, 1997), é uma ruptura com os valores da escola tradicional.

A Educação Inclusiva assume-se como respeitadora da cultura, da capacidade e das possibilidades de evolução de todos os alunos. Aposta na escola como comunidade educativa, defende um ambiente de aprendizagem diferenciado e de qualidade para todos os alunos. Reconhece as diferenças e trabalha com elas para o desenvolvimento e dá-lhes um sentido. É um novo paradigma organizado em conformidade com um conjunto de valores de respeito, solidariedade e qualidade para todos. Foi referendada na Conferência Mundial de Educação para Todos (Jomtiem, 1990), na Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais (Salamanca, 1994), no Foro Consultivo Internacional para a Educação para Todos (Dakar, 2000).

Sendo a opção emergente, a Educação Inclusiva implica na formulação de políticas e na reorganização da Educação. A inclusão (MANTOAN, 1998) redireciona, em função da sua abrangência, a perspectiva educacional, pois ela ajuda, além do aluno com necessidades educacionais especiais, os demais alunos, os professores e o pessoal de apoio. A Educação Inclusiva tendo como pressuposto a “Escola para todos”, assegura igualdade de oportunidades,



aceita a diversidade, trabalha na heterogeneidade. É capaz de garantir vivências cotidianas para que os alunos se apropriem dos mediadores sociais para o relacionamento com a cultura. A Educação Inclusiva constituiu uma oportunidade para que uma parte da população escolar não seja afastada do convívio e da riqueza que a diferença proporciona.

A inclusão se fundamenta numa filosofia que reconhece e aceita a diversidade. O principal valor que permeia a ideia da inclusão está no Princípio da Igualdade. Para que a igualdade seja real, ela há que ser relativa, isto é, tratamento igual aos iguais e desigual aos desiguais. Igualdade de oportunidades não quer dizer mesmas escolhas. A igualdade necessária é a que dá possibilidades de escolhas, de viver dignamente com seus valores, aptidões e desejo. A igualdade pressupõe o reconhecimento e a aceitação das diferenças individuais e culturais que nos permitem e nos levam a encontrar formas particulares de viver. Diferença e desigualdade são conceitos que se opõem, visto que igualdade inclui o direito a diferença (OLIVEIRA e SGARBI, 2002 p. 53). O não reconhecimento do direito à diferença é uma forma de tratamento desigual que a sociedade exerce para com alguns membros. Desse modo, ao não reconhecer as diferenças, igualando-se todos, ao não reconhecer a igualdade de direitos, “estamos nos afastando das possibilidades de construção de uma sociedade democrática e multicultural”.

A Educação Inclusiva é uma utopia (GLAT, 1998); e como utopia está dotada de afetividade que a torna atraente e deve ser perseguida. A autora alerta para que os gestores da educação tenham o cuidado suficiente para não produzirem mudanças estruturais radicais no sistema educacionais baseados em experiências mínimas, modelos de outras realidades e em arroubos ideológicos. Indica a necessidade de um rigoroso acompanhamento e avaliação permanente dos projetos de educação inclusiva a fim de reproduzir os projetos bem sucedidos e readequar os que não atingiram os objetivos.

A formação dos professores é uma questão que se torna especialmente relevante no momento que a ação docente passa a fazer parte de uma educação regida pelo paradigma da inclusão. Formar indica movimento, continuidade, se realiza numa cultura. O formar-se professor é, ao mesmo tempo, formar-se pessoa. Não se forma professor separado do processo de construção de uma identidade. A formação transcende a apropriação de conhecimentos específicos e o desenvolvimento de habilidades instrumentais para chegar a formação de atitudes. As atitudes começam a se formar muito cedo, quando crianças.

Então, sendo a formação de professores um processo também de formação de atitudes, a formação de professores começa muito cedo, quando crianças. As vivências no coletivo da escola, marcada pela interatividade que caracteriza a educação, levam professor e aluno a construir



vínculos onde o aluno passa a internalizar as características do professor que lhe influenciarão a vida pessoal e profissional.

A imagem do professor que a criança incorporou quando foi solicitada a aprender algo, representa-se no momento de tornar-se professor em suas figuras concretas e em suas teorizações comuns e primeiras para reconstruir-se em uma dinâmica (BILLANQUÈS, 2001, p. 41).

O conhecimento construído, as habilidades desenvolvidas, mais os afetos, os sentimentos, as atitudes que as relações escolares marcaram, serão transportados no EU de cada um para outro lugar na história. Neste outro lugar o ex-aluno, agora professor, começará um novo ciclo. Ele leva consigo as suas vivências, satisfações e frustrações, sucessos e fracassos, ousadias e medos, que se prolongam na vida das comunidades escolares e interferem na sociedade. A formação de professores não se limita a um período de estudos, compreende várias etapas de formação que se sucedem ao longo da vida profissional, caracterizando uma formação continuada. O professor nunca estará pronto uma vez que os conteúdos de sua formação estão na processualidade social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva é uma nova maneira de produzir e apropriar conhecimento e uma nova maneira de estar na relação. O percurso do estudo buscou salientar que a ciência moderna tem por finalidade instaurar a homogeneidade dos fenômenos.

Ao longo das últimas décadas, temos a temática da educação inclusiva inscrita em diferentes contextos e circunstâncias e a instituição escolar tem sido convocada a dar algum tipo de resposta. O atual momento histórico exige uma participação efetiva da escola e, para tanto, é preciso redimensionar o modo de pensar e fazer educação, tarefa complexa por natureza.

Aqui surge a questão de como esse novo paradigma pode começar a ser criado. O início é o professor. A formação e o exercício de professor tendem a reunir-se em um mesmo processo produtivo que remetem para a consolidação de educação permanente (SANTOS 2003b). A escola é a escola inclusiva formadora da cidadania e não a doutrinadora, trabalha a criação não só o ensino, com uma atitude de acolhimento, respeito e valorização das diferenças, não da exclusão.

O processo de inclusão caminha por uma nova ordem de pensamento e ação, longe de obter respostas imediatas para a problemática da inclusão no contexto educacional, apenas visualizando uma variedade de perspectivas e desafios para a efetiva implementação dessa nova forma de ensino.



Os espaços de educação devem promover relações recíprocas e dialéticas, eliminando estigmas, rótulos e etiquetas que classificam comportamentos. Assim, serão trabalhadas as reais necessidades de sua clientela e realizadas mediações no processo de aprendizagem com atividades desafiadoras, que estabeleçam conflitos interiores e promovam a verdadeira inclusão social.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. S. **Gestão da educação**: impasses, perspectivas e compromissos. São Paulo: Cortez, 2000.
- ARANHA, M. S. F. Inclusão social e municipalização. In MANZINI, Eduardo J. (Org.) **Educação especial**: temas atuais. Marília: UNESP Marília Publicações, 2000.BRASIL.
- Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 9 jan. 2017.
- BAUMEL, R. Formação de Professores: algumas reflexões. In RIBEIRO, M.; BAUMEL, R. **Educação Especial**: do querer ao fazer. São Paulo: AVERCAMP, 2003.
- BILLAUQUÈS, S. Trabalho das representações na formação dos professores. In PERRENOUD, P. (Org.) **Formando professores profissionais**: Quais as estratégias? Quais as experiências? Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BONETI, L.W. As políticas educacionais, a gestão da escola e a exclusão social. In FERREIRA, (Org.). *Gestão da Educação, Impasses, Perspectivas e Compromissos*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERREIRA, M.C.; GUIMARÃES, M. **Educação inclusiva**. Rio: DP&A, 2003.FONSECA, V. Tendências futuras da educação inclusiva. In STOBÄUS, C. D. MOSQUERA, J. J. M. (Org.) **Educação especial**: em direção à educação inclusiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- GLAT, Rosana. Inclusão total: mais uma utopia? **Revista Integração**, n. 20, p.26-8, 1998.
- MANTOAN, M. T. E. Ensino inclusivo/educação (de qualidade) para todos. **Revista Integração**, n. 20, p.29-32, 1998.MORIN, E.
- Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. (Org.) **Redes culturais**: diversidade e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



RODRIGUES, D. **O paradigma da educação inclusiva**: reflexões sobre uma agenda possível. In VII Encontro Nacional de Educação Especial (Conferência). Lisboa, 1997.

SANTOS, Boaventura S. O fim das descobertas imperiais. In OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. (Org.) **Redes culturais**: diversidade e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Dilemas do nosso tempo**: globalização, multiculturalismo e conhecimento. Porto Alegre: UFRGS, Revista Educação & Realidade, V. 26, n. 1, 2001.

_____. **Um discurso sobre a ciência**. São Paulo: Cortez, 2003 a.

_____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2003b.



GAMEFICAÇÃO NA EDUCAÇÃO - o Quizz Socrative como processo maiêutico nos logradouros soteropolitanos

ODY M. CHURKIN

UNINTER – Mestrando. odyfilosofia@gmail.com

RESUMO

Pretende-se com este artigo, compartilhar e refletir sobre o novo paradigma que se apresenta na história da educação do Brasil e do mundo. Realizar-se-á uma breve análise fenomenológica da transição de passagem do século XX para o XXI e sua implicação ontológica, epistemológica e pedagógica em um momento histórico ou um intervalo temporal ímpar na história da humanidade a demonstrar o “conflito” de gerações com “ETHOS” distintos, identificando-as, além de conceituá-las sob o viés antropológico e tecnológico. É notória e angustiante a falta de interesse dos jovens para com a sala de aula, atividades cognitivas e ao que se refere em ensino aprendizagem no “âmbito escolar”, além do que a indiferença aos professores; vislumbra-se o fenômeno do niilismo e a apatia, não obstante, inversamente proporcional às tecnologias de comunicação e informação, a cada inovação tecnológica, surge uma multidão de jovens ávidos em obter o objeto de desejo, o “fetiche da mercadoria”, que causa um prazer indescritível e imensurável. Em especial “games” ou jogos, que a cada instante a oferecer novidades. Dentro deste contexto analisar-se-á o “relacionamento” professor e alunos com a possibilidade de utilização dos games na educação. Separou-se aplicativo “SOCRATIVE” e a maiêutica de Sócrates da filosofia clássica, como propostas pedagógicas e ontológicas, além da mediação e empatia entre professores alunos no processo de aprendizagem. O



“quizz” como um convite para uma “tentativa” de “intersecção” de gerações, não apenas uma ferramenta, mais um elo entre interesses e perspectivas.

Palavras – Chave: Maiêutica . Filosofia . Aplicativo. “Socrative”.

Gamer in Education: the Socrative Quiz as a maieutic process at soteropolitano’s districts

ABSTRACT

This article intends to share and reflect on the new paradigm that is presented in the history of education in Brazil and in the world. A brief phenomenological analysis of the transition from the transition to the XX century to the XXI and its implications, epistemological and pedagogical at a historical moment or a temporal interval in the history of humilily to demonstrate the “conflict” of generations with “ETHOS” “distinct, identifying them, as well as conceptualizing them sudden and vatic anthropological and technological. It is notorious and distressing the lack of interest of young people in a classroom, cognitive activities and what is known in teaching learning in “schooling”, in addition to the indifference to teachers; The phenomenon of nihilism and apathy is glimpsed, however, inversely proportional in the technologies of communication and information, a technological innovation, there arises a crowd of avid youngsters in which the object of desire, the “fetish of the commodity”, that causes a pleasure indescribable and immeasurable. In particular “games” or games, that every moment to offer novelties. Within this context we will analyze the “relationship” teacher and students with a possibility of using games in education. It was separated application “QUIZZ” “SOCRATIVE” and a Socrates methodology of classical philosophy, as pedagogical and ontological proposals, besides the media and empathy among teacher’s students in the learning process. The “quizz” as an invitation to an “attempt” of “intersection” of generations, not only a tool, but a link between interests and perspectives and union of the classic with the contemporary.

Keywords: Maieutica. Philosophy. App. “Socrative.”

GAMEFICAÇÃO NA EDUCAÇÃO - o Quiz Socrative como processo maiêutico nos logradouros soteropolitanos

Vive-se um novo momento, conceitua-se a ser reconhecido com o da era da informação, em que as velocidades fluem de forma surpreendente e as inovações tecnológicas apresentam-se além do imaginável, mensura-lo não é tarefa fácil, a transformar profundamente a sociedade, ou melhor,



todos os segmentos humanos, um novo paradigma surge. As mudanças são tão exponenciais que VIRILIO (1999, p. 84) citou que “as dimensões de tempo e do espaço transformaram-se como dimensões significativas do pensamento e da ação humana”.

2 CLICO, LOGO, EXISTO. TÁ LIGADO?

Apesar da apatia dos jovens frente às aulas, observou-se um sucinto interesse e conhecimento pela mitologia grega, principalmente por deuses e semideuses. Ao questioná-los, respondeu-se por meio de jogos (games), por exemplo, um deles: “God of War”, conhecido e jogado pela maioria. A informação obtida indiretamente nos jogos (educação não formal) os estimula para o desenvolvimento do conhecimento formal em sala de aula. Fato Interessante que reforça tal comentário observou-se em algumas capas de cadernos, roupas, proteções de equipamentos, estampam imagens das personagens dos seus jogos (mitologia grega). Explica PAPERT, (1994, p. 13),

Com muito mais poder persuasivo do que a filosofia de um pensador até mesmo tão radical como Dewey, a Informática, em todas as suas diversas manifestações, está oferecendo aos Inovadores novas oportunidades para criar alternativas. A pergunta que permanece é: estas alternativas serão criadas democraticamente? Em essência, a educação pública mostrará o caminho ou, como na maioria das coisas, a mudança primeira melhorará as vidas dos filhos dos ricos e poderosos e apenas lentamente e com certo grau de esforço entrará nas vidas dos filhos do resto de nós?

Após três meses de pesquisa aproximadamente, concluiu-se que o celular é viável como material pedagógico e didático, em parceria e após muitas dinâmicas encontraram-se alguns aplicativos que podem deixar as aulas mais interessantes, que envolva a maiêutica de Sócrates proposta pelo professor com a conectividade e modernidade líquida por parte dos alunos, além do que, apoio do corpo pedagógico e direção. Encontrou-se e separou-se o aplicativo “SOCRATIVE” (ST) entre tantos voltados para as atividades QUIZZ FILOSÓFICO. Tal mudança de postura e metodologia explica-se em MERCADO (2002, pg.19),

Mudanças na formação de conceber o trabalho docente, na flexibilização dos currículos das universidades, e nas responsabilidades da escola no processo de formação do cidadão; Socialização do acesso à informação e produção de conhecimento para todos; Mudança de concepção do ato de ensinar em relação aos novos modos de conceber o processo de aprender e de acessar



e adquirir conhecimento; Mudança nos modelos/marcos interpretativos de aprendizagem, passando do modelo educacional predominante instrucionista, para o modelo construtivista, Construção de uma nova configuração educacional que integre novos espaços de conhecimentos em uma proposta de inovação da universidade, na qual o conhecimento não está centrado no professor e nem no espaço físico e tempo escolar, mas visto como processo permanente de transição, progressivamente construído, conforme os novos paradigmas; Desenvolvimento dos processos interativos que ocorrem no ambiente telemático, sob a perspectiva do trabalho cooperativo.

Sendo assim procurou-se um “blended”¹ conteúdo formal com tecnologia, robótica, inteligência artificial, jogos, mitos, internet e aplicativos para uma aproximação e parceria e relacionamentos apaziguados, trabalho cooperativo e o principal: trabalho multidisciplinar e interdisciplinar.

Observou-se que os *games* aproximam os alunos ao aprendizado do conteúdo apresentado, e o assunto tecnologia, modelos de celulares, computadores, procedimentos técnicos, comentários sobre atividades em redes sociais reforçam aproximação com o professor, criando-se um laço de “afetividade”.

Portanto pretendem-se compartilhar esta experiência ontológica, pedagógica e didática, iniciada experimentalmente, efetivamente no início do ano corrente, seus resultados, expectativas e possíveis superações, uma nova postura em relação ao ensinar, a escolha de tecnologias e aplicativos apropriados, além do que a intenção de contribuir de alguma forma com a educação, diversidade e cidadania.

Reconhecer o interesse e dedicação dos jovens pesquisadores. Compreender que os estudantes têm muito a ensinar e compartilhar. Necessitam de oportunidades para demonstrarem suas habilidades, conhecimentos e informações, anseios, medos e expectativas. Aprender o que os alunos querem aprender e também ensinar.

¹ Práxis de planejamento e metodologia em que as novas tecnologias e tendências sejam estudadas, separadas, trazidas e aplicadas aos conteúdos sob constante mediação e observação. Uma forma de curadoria na educação, ou seja, escolher e adaptar o melhor para o público alvo conforme tempo, espaço e contingências, que possa levar os estudantes além da atividade desenvolvida, um processo de formação de pesquisadores. Estuda-se neste caso um conceito específico para esta prática no “alvorecer” do paradigma em formação.



3 OBJETIVOS

Pretende-se como objetivo geral deste trabalho investigar e refletir a presença experimental do aplicativo SOCRATIVE e QUIZZ FILOSÓFICO nas aulas de filosofia, sociologia, história, arte e inglês, além do que, demonstrar os comportamentos e atitudes dos alunos com as atividades corporativas por meio do QUIZZ e utilização de *mobiles* e PCs. Para MELCHIORETTO (2016, p. 54),

A reflexão é motivada por aquilo que Lévy chama de dilúvio. Não no sentido de liquidez, mas de um grande mar que penetra por todos os lados carregando para todas as direções novos comportamentos, que estão pautados por tecnologias e alteram a maneira de viver e nossa constituição social. Vivemos agora num grande mar digital [...]

Como objetivos específicos, pretende-se,

Apresentar sugestões baseadas no caso de sucesso do SOCRATIVE E QUIZZ FILOSÓFICO², com o fim de contribuir para o aprimoramento das metodologias de ensino aprendizagem.

Resgatar o processo maiêutico desenvolvido por Sócrates e utilizá-lo por meio das novas tecnologias.

Adaptar e desenvolver tecnologias e processos tecnológicos aos conteúdos formais.

Estimular o trabalho corporativo, multidisciplinar e interdisciplinar, aprimorando o conhecimento holístico, sistêmico, crítico e criativo.

Segundo BRANQUINHO (2017, p 02),

... A prática pedagógica dos agentes educacionais no momento atual, bem como a condução do processo ensino-aprendizagem na sociedade contemporânea, precisa terem como primícia a necessidade de uma reformulação pedagógica que priorize uma prática formadora para o desenvolvimento, onde a escola

² Desenvolvido pelo professor brasileiro Jairo Lizotti é um game com a finalidade de promover um quiz, além que, é um recurso educativo aberto (REA), consiste em um jogo de perguntas e respostas em português, para os usuários que interessem-se por ciências humanas e a história da filosofia. Neste game de perguntas de múltipla escolha para celular e tablets o jogador desafia o seu conhecimento e se diverte ao mesmo tempo e aprende respondendo questões relacionadas ao contexto epistemológico e ético. Joga-se individualmente ou em grupos.



deixe de ser vista como uma obrigação a ser cumprida pelo aluno, e se torne uma fonte de efetivação de seu conhecimento intelectual que o motivará a participar do processo de desenvolvimento social, não como mero receptor de informações, mas como idealizador de práticas que favoreçam esse processo.

Compreender o cenário histórico é propiciar e contribuir para o sucesso de um planejamento de engenharia social. O homem é um ser social, a humanidade está em constante movimento e em especial, no paradigma que se apresenta, as mudanças são intensas e complexas, tempo e espaço não são mais medidas lineares, fato que envolve inclusive a Escola, não há como permanecer no ostracismo, urge um inovar e reorganizar o processo de ensino e aprendizagem e todos os atores inseridos neste conjunto social. E para tal orienta-se o exercício da empatia, dialética e da maiêutica.

4 METODOLOGIA

O trabalho realizou-se a partir da análise de um estudo de caso para que possa contribuir com o paradigma que se apresenta, com fins de engendrar um modelo, expor sugestões e ideais para aprimoramento das metodologias de ensino aprendizagem e inovação nas aulas de filosofia e tantas outras no ensino médio.

A Maiêutica é uma proposta metodológica que conduz a concepção do aprendizado da filosofia e dialética por meio do QUIZZ SOCRATIVE em equipamentos de informação e comunicação. Contradiz JACOTOT (apud RANCIÈRE, 2002, p. 69),

O método socrático da interrogação que pretende conduzir o aluno a seu próprio saber, é de fato de um amestrador de cavalos. “Ele comanda as evoluções, as marchas e contramarchas. De sua parte, conserva o repouso e a dignidade do comando durante o manejo do espírito que está dirigindo. De desvios em desvios, o espírito chega a um fim que não havia entrevisto quando da partida. Ele se espanta, se volta, percebe seu guia, o espanto se transforma em admiração e o embrutece.

A metodologia privilegia a participação dos alunos na elaboração e desenvolvimento das aulas. A pesquisa foi de natureza qualitativa descritiva e aplicada, tendo em vista que a partir dos pontos negativos e positivos levantados, engendrar-se-á propostas com o intuito de dar suporte às outras estratégias. Explica DIDONET (2002, p.19), no boletim Salto para o Futuro - O Plano Nacional de Educação (PGM), A escola que queremos em texto para construção do documento



“Padrões mínimos de Qualidade do Ambiente Escolar” promovido pelo Fundo de Fortecimento da Escola – FUNDESCOLA/MEC – que,

(..) Escola é mais do que quatro paredes; é clima, espírito de trabalho, produção de aprendizagem, relações sociais de formação de pessoas. O espaço tem que gerar ideias, sentimentos, movimentos no sentido da busca do conhecimento; tem que despertar interesse em aprender; além de ser alegre, aprazível e confortável, tem que ser pedagógico (..)

Haja vista tratar-se de um estudo de caso é imprescindível, segundo YIN (2005), que se utilizem as seguintes fontes como evidência: entrevistas, documentação, observações diretas, registro em arquivos, artefatos físicos e observações participantes. Buscou-se a utilização de todos esses elementos no trabalho proposto.

5 O SOCRATIVE, E OS PARTOS DAS IDEIAS NA PÓLIS GLOBAL.

Assim como Sócrates desenvolvia sua maiêutica na Grécia Clássica, fazendo seus partos de ideias, na era da informação também é possível, porém com tecnologia. O SOCRATIVE é um sistema que contempla *quizz* e *games*; permite participação individual e coletiva, até cinquenta integrantes, que consiste em questionamentos, problemas apresentados como desafio. É um aplicativo norte americano que disponibiliza “freeware”, ou seja, de forma gratuita, “multiplataforma”, via internet, com utilização *login* para um computador ou *mobiles*.

Além do SOCRATIVE, versão somente em inglês, há o literalmente QUIZZ FILOSÓFICO, nacional desenvolvido pelo professor Jairo Lizotti Trivia, o último sobre filosofia. Trabalham com situações problemas e respostas “on line”, visualizada pelo professor, que podem ser respondidas conforme escolha do administrador, inclusive com tempo de respostas, e frases de impacto filosófico.

Podem ser obtidos por meio do “Play Store”, compatíveis com o sistema *android*. Esse aplicativo estimula uma leitura mais rápida, estimula o pensamento lógico, reforça o vocabulário, inclusive da língua inglesa, além do que, pode ser utilizado em qualquer lugar e horário disponível.

Permite a prática individual e ou interagindo com outros colegas e até mesmo com os familiares, de forma lúdica e descontraída, aprimorando o pedagógico mesmo estando fora do horário das aulas na escola, além de auxiliar com as atividades dos alunos enfermos ou ausentes por algum motivo legal.



O Sistema *quizz* pode aproximar professores e alunos e familiares, pois para o professor o aplicativo permite uma ação de mediador fins incentivar e disponibilizar tarefas, desafios, curiosidades, jogos individuais e coletivos.

Para tornar as atividades significativas e apropriadas o professor pode propor questões de múltiplas escolhas, respostas curtas e até mesmo falsas e verdadeiras, caça palavras. Enquanto os alunos pesquisam e respondem o professor consegue visualizar as tarefas e gerar relatórios. Para SIMÃO (2002, p.16),

Assim, a onda do software educativo chegou à escola com muita força, renovando o interesse dos professores e ampliando a duração dos investimentos feitos nos equipamentos nas fases anteriores. O número de programas criados com finalidades educativas aumenta todos os dias e ainda assim não satisfazem a demanda. Empresas dedicadas exclusivamente ao desenvolvimento de software educativo convivem com os departamentos especializados das grandes editoras e das grandes distribuidoras de materiais didáticos.

O computador, e os todos os seus periféricos, assim como toda forma de aplicações tecnológicas, na sociedade atual, a contrariar ao antigo entendimento que os concebia e os conceituava epistemologicamente como “coisas” de especialistas, com o novo cenário são encarados como ferramentas para promover a cidadania, bens para todo e qualquer cidadão, de qualquer idade, sexo, formação, pois são necessários dentro dos lares, bancos, restaurantes, escolas, fóruns, enfim em toda e qualquer ação ou situação, saber operá-los constitui-se em condição primordial de empregabilidade, aprendizado, ensinamento e treinamento, vigilância e segurança, lazer e domínio da cultura. Não há como preterir e resistir aos acontecimentos e, ainda que de maneira emancipatória e inclusiva, orienta-se considerar estas mudanças no debate e na prática educacional, pesquisa, jurídica, política e antropológica. CHIOTI (2014, p. 214) diz que,

...ao utilizar recursos de aprendizagem da internet, os alunos tornam-se participantes, ativos e motivados na busca do próprio conhecimento e cabe ao professor nesse momento, a tarefa de assinalar a importância da cooperação e do trabalho em grupo, gerando diferentes interações e possibilitando oportunidades para que todos se conscientizem da importância do seu papel, enquanto aluno, e da participação de cada um na execução de tarefas interessantes, cujo objetivo é proporcionar uma aprendizagem enriquecedora e colaborativa.

6 RESULTADOS, VISÃO HOLÍSTICA, PRÁTICA PONTUAL.

O sistema foi apresentado no ano letivo de 2017, nas aulas de filosofia e estendeu-se para sociologia, história e inglês, que a priori gerou muita curiosidade e expectativa na maioria dos alunos do ensino médio dos primeiros, segundos e terceiros anos, da Escola do Campo Terra Boa em Campina G. do Sul no Paraná. Percebeu-se a disposição em demonstrarem seus aparelhos e equipamentos sem temor ou preocupação e a exteriorização de felicidade (pertencimento e empoderamento) em trabalharem com o material que literalmente são apaixonados, “agora” e na “Ágora virtual, celulares e computadores são materiais pedagógicos.

Os desafios são encarados com muita ansiedade, pois o fato de demonstrar habilidade e conhecimento em algum momento alimenta a autoestima de um público tão criticado. A apatia transforma-se em iniciativa (movimento). Segundo PRENSKY (2010, p. 41-43),

1. Os alunos devem ser considerados pesquisadores, pois que fornecer a eles o conteúdo pronto é tirar-lhes o prazer da descoberta.
2. Considerar os alunos como autodidatas, ou coprofessores de si mesmo. Não precisam durante toda a aula estar sendo orientados e conduzidos pelo docente.
3. O professor deve “abandonar o controle total para as atividades controladas” deixando que os “alunos se tornem pesquisadores” e que “aprendam com seus pares, como desejam.”

A práxis é muito gratificante, pois provoca muitas inquietações e provocações, mesmo o SOCRATIVE a disponibilizar as tarefas totalmente em inglês, a contribuir para o reforço de aprendizado da língua estrangeira. É possível encontrar no quizz filosófico, perguntas que fazem referência desde os filósofos naturais como Tales de Mileto até os da atualidade.

Para o professor conteúdo e informação, no entanto para o aluno diversão e aprendizado, além da informação. Cada jogada, o aluno pode responder até sessenta perguntas subindo até o nível de número doze. Cada nível é composto de cinco perguntas que vai ficando mais difícil e mais complicado a cada nível alcançado. Caso erre alguma pergunta do quizz, o aluno poderá zerar toda sua pontuação e começar novamente do zero ou continuar de onde parou. Trazendo a baila, PRENSKY (2010, p. 20).

A chave e o desafio para os professores não é ser confortável com as novas tecnologias, mas com uma pedagogia diferente e melhor: a parceria (*partnering*) [...] O trabalho do professor consiste em orientar e guiar os



alunos para que usem bem a tecnologia para conseguir um melhor aprendizado. Para fazer isso os professores precisam se concentrar, e procurar ser mais eficazes em coisas que já fazem parte de seu ofício, o que inclui saber fazer boas perguntas, oportunizar ou rever contextos, e avaliando a qualidade dos trabalhos de seus estudantes.

Entende-se que este trabalho não se esgota em si, não se finda, cada atividade aprende-se, troca-se ideia, reforça-se os laços afetivos e profissionais. Mais do que nunca, observa-se que as tecnologias não suprem o papel do professor, mas os auxiliam.

Há possibilidades de um trabalho harmônico entre professores e alunos e sociedade civil organizada com as inovações tecnológicas, e estas formam um elo entre o corpo docente e discente, o pleno exercício da cidadania. Vislumbra-se que o conhecimento é cooperativo, organizado, sistemático, holístico, crítico e criativo, portanto é uma realidade.

REFERÊNCIAS

BRANQUINHO, Livia Alves. **A prática pedagógica na educação atual**. Disponível em <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/>. Acessado em: 01 de agosto de 2017.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHIOTTI, Deise. Traçando novos caminhos, por meio das tecnologias da informação e comunicação, norteadas pelo legado de Paulo Freire. In CHIOTTI, D. BARROS, R. **Abrindo caminhos pra uma educação transformadora: ensaios em educação social, filosofia aplicada e novas tecnologias**. Chiado Editora, Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, 2014.

DIDONET, Vital. **Texto do Programa Salto para o Futuro**, Escola do sonho á realidade, Padrões mínimos de qualidade do ambiente escolar, 2002. <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/eqq/eqqtxt3.htm> Acesso em 23/06/2008

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologia e ensino presencial e a distancia**. Campinas-SP: Papirus, 2003.

MATOS, Olgária Chain Feres. Discretas esperanças: **reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo**. São Paulo: Nova Alexandria, 2006..

MELCHIORETTO, Albio. Virtualização do mundo. In: **Revista Filosofia, Ciência & vida**. Ano IX – no. 116. Editora Escala, 2016, p.54.



JACOTOT, Enseignement naturel. Droit et philosophie panécastique⁵. Paris, 1838, In RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** - cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PRENSKY, Marc. **Teaching digital natives**. Partnering for real learning. Thousand Oaks, California: Corwin, A Sage Company, 2010.

ROGERS, Carl. **Liberdade de aprender em nossa década**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ROSEN, Larry. Aprender com a tecnologia. **Revista Ensino Superior**. uol.com.br/textos.asp?-Código=12257. Acessado em 09/05/2012.

SIMÃO N. Antônio. As Cinco Ondas da Informática Educacional. **Revista Educação em Movimento**. Associação de Educação Católica do Paraná v1, n 12 (mai/ago.2002) Curitiba: Champagnat, 2002.

VIRILIO, P. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e método. Bookman. Porto Alegre, 2005.

